





COLABORAÇÕES NA IMPRENSA PERIÓDICA E DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA









FRANCISCO DAS NEVES ALVES LUIZ HENRIQUE TORRES

O ARQUIVO MONTENEGRO: COLABORAÇÕES NA IMPRENSA PERIÓDICA E DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



Biblioteca Rio-Grandense

DIRETORIA

PRESIDENTE - FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE - PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO - MAURO PÓVOAS
1º SECRETÁRIO - LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO - RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
1º TESOUREIRO - VALDIR BARROCO
2º TESOUREIRO - ROLAND PIRES NICOLA

Francisco das Neves Alves Luiz Henrique Torres

O ARQUIVO MONTENEGRO: COLABORAÇÕES NA IMPRENSA PERIÓDICA E DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



- 20 -











Lisboa / Rio Grande 2020 Ficha Técnica

Título: O Arquivo Montenegro: colaborações na imprensa periódica e documentação fotográfica

Autores: Francisco das Neves Alves e Luiz Henrique Torres

Coleção Documentos, 20

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Retrato de José Arthur Montenegro no *Album de la Guerra del Paraguay*

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de

Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Abril de 2020

ISBN - 978-65-87216-03-4

Os autores:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e trinta livros.

Luiz Henrique Torres é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras — História da Literatura (FURG). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou 86 livros.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL - Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa) Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Arthur Montenegro, muito dado a estudos históricos, era um espírito operoso e infatigável.

Diário do Rio Grande. Rio Grande, 4 abr. 1901.

José Arthur Montenegro, escritor vigoroso, historiador de pulso, espírito elevado e solidamente ilustrado.

Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 12 abr. 1901.

... dedicou-se (...) ao estudo da história pátria e conseguiu reunir um valioso arquivo de importantíssimos documentos originais e obras de grande valor com relação aos fatos históricos do nosso país.

O Rio-Grandense. Rio Grande, 4 abr. 1901.

... era um moço ilustrado, trabalhador infatigável, historiador, e na imprensa (...) colaborou com alguma atividade, sendo os seus escritos, pela sua importância, devidamente apreciados.

Artista. Rio Grande, 6 abr. 1901.

ÍNDICE

JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO E A IMPRENSA PERIÓDICA, 11 FOTOGRAFIAS DA GUERRA DO PARAGUAI, 109

JOSÉ ARTHUR MONTENEGRO E A IMPRENSA PERIÓDICA

Ao longo dos Oitocentos e durante as primeiras décadas do século XX, a imprensa periódica desempenhou um papel crucial em meio a maior parte das sociedades. Os jornais impressos tiveram um significativo apelo tanto na divulgação de informações como na influência da opinião pública. Além da própria leitura em si de suas páginas, os periódicos também causavam impacto, mesmo de maneira indireta, por meio da ampla difusão de suas ideias. Na época, expressões como "saiu no jornal X", "a folha Y disse", "o periódico Z comentou" eram comuns e contavam normalmente como uma aceitação/assimilação que beirava à construção de uma determinada "verdade consolidada", de acordo com a credibilidade que a publicação conseguira amealhar ao longo do tempo.

Foram várias as estratégias, técnicas e estruturas desenvolvidas pelos periódicos para angariar legitimidade/confiabilidade para suas matérias. Uma delas foi a de contar com redatores e/ou colaboradores que detinham certa notoriedade intelectual em meio à sociedade. Assim, se estabelecia um aprimoramento no campo editorial e redatorial, mormente a partir do refinamento cultural dos escritores públicos, com a constante participação de representantes da intelectualidade em meio às lides jornalísticas. Nesse contexto, muitos nomes de destaque das letras e do pensamento colaboraram cotidianamente na imprensa periódica, fazendo com que o próprio nível do jornalismo subisse consideravelmente e os periódicos fossem redigidos corretamente e em um estilo cada vez mais individualizado¹.

¹ TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p. 160.

Nesse sentido, a imprensa se renovava com a participação nos jornais dos mais prestigiados intelectuais², desenvolvendo-se uma perene inter-relação entre os escritores e o jornalismo³. Além disso, era uma época em que escrever em periódicos constituía uma ocupação reservada àqueles que entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião, de maneira que, escrever em tais meios, era uma forma de afirmação de uma autoridade, um mecanismo para publicar ideias, divulgar obras, ou ainda, defender ideologias, travar polêmicas diversas, enfim, participar ativamente na construção da esfera pública⁴. Nesse sentido, se estabelecia uma certa reciprocidade, pois, de um lado a presença da intelectualidade era benéfica para o aprimoramento das atividades jornalísticas e, do outro, as folhas impressas constituíam um espaço propício à divulgação das obras dos escritores, notadamente tendo em vista as dificuldades com que por muito tempo os autores lutaram para serem impressos⁵.

Nesse contexto esteve inserido também o escritor/pesquisador José Arthur Montenegro⁶. Seus maiores projetos, notadamente os voltados aos estudos acerca da Guerra do Paraguai, acabaram não sendo concluídos da forma que ele

² RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta Editora, 1996. p. 360.

³ ROMANCINI, Richard & LAGO, Cláudia. *História do jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Editora Insular, 2007. p. 54.

⁴ PEIXINHO, Ana Teresa. Escritores e jornalistas: um estudo de caso. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 427.

⁵ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 288-289.

⁶ Acerca a biografia de José Arthur Montenegro ver os números 17 e 18 desta Coleção.

esperava, com a publicação de livros. A necessidade de dedicar boa parte de seu tempo para as atividades laborais que lhe davam sustento, as tantas dificuldades e os altos custos que envolviam a produção de obras bibliográficas, a doença e a morte precoce foram alguns dos fatores que não lhe permitiram aquela culminância. Entretanto, seu incansável trabalho de amealhar fontes, executar pesquisas e escrever textos permaneceu intenso, de modo que os jornais apareciam como importante alternativa para a difusão de sua obra. Ao mesmo tempo, seu reconhecimento intelectual servia para ilustrar as páginas dos periódicos, propiciando um atrativo para os leitores.

Foram vários os representantes da imprensa em cujas páginas Arthur Montenegro publicou artigos ou colaborações. Dentre eles apareceram publicações estrangeiras, como a parisiense Revista Moderna e o bonaerense Album de la Guerra del Paraguay, no Rio de Janeiro, o Jornal do Comércio, as cearenses A República, Revista da Academia Cearense e Almanaque administrativo, estatístico, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará, e as sul-rio-grandenses Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul, Almanaque popular brasileiro, A Atualidade, Correio Mercantil, Diário do Rio Grande e Eco do Sul. Nesses textos, o autor abordou assuntos diversificados, tais como vários correlatos com seu tema de pesquisa preferencial, a Guerra do Paraguai, mas também outros conflitos internacionais, bacias hidrográficas, fundamentos geográficos, viagens e explorações científicas, biografias, entre tantos outros.

A participação de Montenegro foi tão efetiva que seu nome tornou-se comum em meio às redações jornalísticas, principalmente na cidade do Rio Grande, a qual adotou como lar, onde desenvolveu a maior parte de suas atribuições profissionais e empreendeu a mais intensa carga nas suas lides de pesquisador. Tal relação próxima ficava evidenciada no próprio reconhecimento que o escritor possuía junto das redações dos jornais que, em várias oportunidades, elogiaram seu trabalho. Esse destaque à carreira de Arthur Montenegro ficou bastante evidenciado por ocasião do seu falecimento, quando diversos periódicos publicaram elogios fúnebres e/ou notas necrológicas. Os obituários a ele destinados refletiam a notoriedade que conquistara em meio à intelectualidade.

No rol das diversas folhas que publicaram necrológios em homenagem a José Arthur Montenegro estivaram os diários da cidade do Rio Grande, dentre os quais só não figurou o *Eco do Sul*, porque, em 1901, tivera mais uma vez a sua edição interrompida, por causa das fortes perseguições políticas que sofrera por fazer oposição ao castilhismo, regime autoritário que dominou o Rio Grande do Sul durante a República Velha. O *Artista*, folha liberal que passou por várias indefinições editoriais após a instauração da República, apresentou uma nota, em que prevaleceu a abordagem biográfica do autor. Já no caso do *Diário do Rio Grande*, o texto – o mais extenso dentre os elogios fúnebres que o escritor recebeu – revelava uma maior proximidade e até uma camaradagem, afinal o homenageado fora um assíduo frequentador daquelas páginas impressas.

A também rio-grandina *Tribuna do Povo*, que fora aliada dos dissidentes republicanos e, portanto, fizera oposição aos castilhistas, foi outra que redigiu nota necrológica acerca do autor. Mas as filiações político-ideológicas pareciam não constituir barreira às homenagens para Arthur Montenegro, pois as mesmas apareceram também nos periódicos apoiadores do castilhismo como *O Rio-Grandense*, da cidade do Rio Grande, o *Diário Popular*, de Pelotas, e *A Federação*, da capital gaúcha, Porto Alegre, que não deixaram de editar manifestações elogiosas para o escritor. O *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, uma das mais importantes publicações periódicas do país, também estampou em suas páginas uma necrologia acerca de Montenegro, reproduzindo a nota publicada pelo *Correio Mercantil* de Pelotas.

O conteúdo desses textos obituários trazia características laudatórias e biográficas, com amplo destaque ao reconhecimento intelectual do personagem retratado. Alguns deles chegavam a incorrer em erro, como foi o caso de *A Federação* e do *Jornal do Comércio*, que apontavam para uma participação de Montenegro na Guerra do Paraguai. Essa perspectiva errônea também aparecia em outros traços biográficos elaborados sobre o escritor, revelando que a proximidade do autor com seu mote de pesquisa – a Guerra da Tríplice Aliança – era tão intensa, que acabou por promover aquele engano, uma vez que tal presença não seria viável até mesmo por motivos cronológicos, levando em conta a idade de Arthur Montenegro à época do conflito bélico contra o Paraguai. Nesse sentido, o conteúdo dessas matérias fúnebres também apresenta relevância, como documentos que servem para travar conhecimento acerca da vida e da obra de Montenegro:

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

ARTISTA – **Arthur Montenegro**⁷

Quarta-feira última deu-se nesta cidade o falecimento do estimável cavalheiro e talentoso patrício Sr. José Arthur Montenegro, natural do Ceará, casado e residente nesta cidade há muito tempo.

O finado era um moço ilustrado, trabalhador infatigável, historiador, e na imprensa desta cidade colaborou com alguma atividade, sendo os seus escritos, pela sua importância, devidamente apreciados.

Arthur Montenegro foi empregado no escritório da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana e ultimamente exercia o cargo de secretário do Sr. Dr. Augusto Duprat, diretor-geral da Southern.

Eram membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, sócio correspondente da Academia Cearense e da Sociedade de Geografia de Lisboa e membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco.

Nesta cidade, Arthur Montenegro, pelo seu gênio afável e inteireza de caráter, conseguiu numerosas simpatias e verdadeiras amizades.

À sua Exma. família enviamos sinceras condolências.

-

⁷ ARTISTA. Rio Grande, 6 abr. 1901, a. 39, n. 79, p. 2.

As cerimônias do sepultamento, efetuadas quinta-feira, estiveram muito concorridas.

Arthur Montenegro deixa muitas obras importantes, entre elas, *História da Tríplice Aliança contra o Paraguai, Bibliografia rio-grandense* e *Fragmentos históricos* – sendo que esta última foi anteontem ofertada pela Livraria Rio-Grandense a esta redação.

#########

DIÁRIO DO RIO GRANDE - Falecimentos⁸

Aos estragos da terrível enfermidade, que aos poucos lhe vinha minando a existência, sucumbiu, ontem, o estimável Sr. José Arthur Montenegro.

Era um moço distinto pela inteligência e pela contração ao trabalho, gozando por isso de grandes simpatias no seio da sociedade rio-grandense.

Começou a vida como marinheiro de um barco de cabotagem, de um seu tio, navegando entre o Ceará, sua terra natal, e Pernambuco e Bahia. No porto do Recife, arriscando a vida, atirou-se ao mar para salvar uma criança prestes a ser devorada por um mero.

Mais tarde, sentou praça no exército, vindo para o Rio Grande do Sul, servindo nas guarnições de Porto Alegre e desta cidade, como sargento do 17º batalhão de infantaria. Dando baixa, por conselho e proteção de um amigo, o Sr.

-

⁸ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 4 abr. 1901, a. 53, n. 140.291, p. 1-2.

Manoel Pereira de Barros, empregou-se como amanuense na construção da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana.

Distinguido com a amizade de seu chefe, Dr. Airosa Galvão, que reconheceu nele um homem aproveitável, foi subindo até o lugar de arquivista. Quando pela retirada do Dr. Airosa, assumiu a chefia da mesma estrada o Dr. Bernardo Piquet Carneiro Monteiro, este o chamou para seu secretário.

Sendo, depois de algum tempo, o Dr. Piquet nomeado pelo governo para exercer importante comissão no Ceará, reorganizando a Estrada de Ferro de Baturité, levou-o consigo, não só como empregado em quem depositava inteira confiança, como também para ver se o clima daquele lugar melhorava o seu já precário estado de saúde. Ali se demorou Arthur Montenegro pouco mais de um ano, voltando para o Estado, quando se deu o arrendamento da aludida estrada.

Aqui esteve depois, encarregado de receber o material da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, cujos trabalhos o governo tinha mandado parar, como medida de economia.

Passou depois a ocupar o lugar de secretário da Southern, com o zelo e inteligência de que deu provas em todas as funções que exerceu.

Quando sargento do exército, na ocasião em que, comandando uma escolta, conduzia alguns presos a bordo de um vapor, encontrou-se com o Sr. visconde de Taunay em circunstâncias bem singulares e que lhe valeram a amizade do grande escritor.

Montenegro, já então muito dado à leitura, estava lendo um livro de Taunay, se não nos falha a memória, a tradução da *Retirada de Laguna*. Taunay viu-o e perguntou-lhe se gostava da obra, exprimindo Montenegro a sua admiração por ela, em termos entusiásticos. A conversa assim entabulada acabou por dar-se Taunay a conhecer. Dias depois, recebia Montenegro um volume do Sr. visconde, com expressiva dedicatória, e um convite para ir à sua casa. O pobre sargento tornou-se frequentador do palacete do fidalgo, e daí originou-se uma sólida e proveitosa amizade.

Arthur Montenegro, muito dado a estudos históricos, era um espírito operoso e infatigável.

Deixa publicadas diversas obras: Resumo das ordenanças sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional (1893); Memórias de Mme. Duprat de Lasserre, tradução e notas (1894); Monografias históricas (Guerra do Paraguai), tradução da obra de Juan Silvano de Godoi, cheia de notas eruditíssimas, ampliando e refutando o texto (1895); Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul, que lhe valeu a admissão como sócio correspondente da Academia Cearense (1895); Fragmentos históricos (Homens e fatos da Guerra do Paraguai), cuja edição ficou pronta, quinta-feira da semana passada.

Além destes importantes trabalhos, publicou em jornais os seguintes:

Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai (2 meses, janeiro e fevereiro, no Diário do Rio Grande, e os restantes em uma folha do Ceará, cremos que a República)

Bibliografia da campanha do Paraguai (no Diário).

Em preparo ou concluídas tinha:

História da Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai, obra de folego, na qual Arthur Montenegro ocupara longos anos de insano labor;

Bibliografia Rio-Grandense.

O distinto patrício era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro correspondente do Instituto Geográfico-Arqueológico de Pernambuco e sócio correspondente da Academia Cearense e da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Pelo seu caráter, pelos seus dotes de espírito, Arthur Montenegro era alvo de muita consideração, tendo feito inúmeros amigos nesta cidade.

Bem avaliando a dor que há de cruciar o coração de sua Exma. esposa, dirigimos à distinta senhora e aos seus parentes as expressões do nosso pesar.

Realiza-se o enterramento do cadáver às 10 horas da manhã de hoje, saindo o féretro da casa mortuária à Rua 24 de Maio, n. 78.

##########

O RIO-GRANDENSE - Necrologia9

É com verdadeiro pesar que noticiamos o passamento do distinto homem de letras José Arthur Montenegro, tão modesto quanto inteligente e laborioso.

Tendo obtido baixa do serviço militar, dedicou-se desde logo ao estudo da história pátria e conseguiu reunir um valioso arquivo de importantíssimos documentos originais e obras de grande valor com relação aos fatos históricos do nosso país, especialmente os que se referem à guerra do Paraguai.

Armado desses recursos, publicou várias monografias, e dedicou-se incansavelmente à sua obra capital, o sonho de sua vida inteira – *A Guerra do Paraguai*, que não logrou ver publicada, pois depois de muitas lutas para essa publicação, há bem pouco tinha conseguido contratar a impressão da mesma.

Era um trabalhador assíduo e dos seus estudos de envolta com os carinhos da família a quem era em extremo dedicado fazia a preocupação exclusiva da sua vida.

Foi por muito tempo empregado no escritório da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana e ultimamente exercia o cargo de secretário do Dr. Augusto

⁹ O RIO-GRANDENSE. Rio Grande, 4 abr. 1901, a. 2, n. 79, p. 2.

Duprat, cargos esses em que se desempenhou corretamente e donde tirava recursos para a sua grande empresa.

Montenegro mantinha correspondência ativa com os mais eminentes vultos não só do nosso país como do estrangeiro, e o seu nome é talvez mais conhecido e reputado alhures do que entre nós.

Era sócio correspondente de várias academias e sociedades geográficas estrangeiras e nacionais.

Natural do Ceará, passou a maior parte da sua vida nesta cidade, onde contraiu matrimônio.

Lamentando profundamente o passamento do ilustre homem de letras, enviamos a sua desolada família a expressão do nosso sincero pesar no doloroso transe que a acabrunha.

O enterramento realiza-se hoje às 10 horas da manhã, saindo o féretro da casa à Rua 24 de Maio n. 78.

##########

TRIBUNA DO POVO - Necrologia: José Arthur Montenegro¹⁰

Às letras pátrias, bem como à sociedade em geral acaba de ser desferido pela morte um profundo golpe.

¹⁰ TRIBUNA DO POVO. Rio Grande, 3 abr. 1901, a. 5, n. 6, p. 2.

Cedendo à enfermidade que há muito lhe minava a preciosa existência, exalou hoje o derradeiro alento o ilustrado e operoso patrício Sr. José Arthur Montenegro, empregado federal aqui residente.

Num labutar constante, assíduo, que sem dúvida muito contribuiu para abreviar-lhe os dias, Arthur Montenegro tratara durante anos de colher informações com os testemunhos mais verídicos para a elaboração da sua patriótica *História da Guerra do Paraguai*.

Quantos sacrifícios, quantas noites de insônia lhe não custaram essa enorme quantidade de documentos e de retratos que conseguiu acumular com o auxílio dos quais escreveu o seu meritório trabalho.

E agora, quando tanto labor estava prestes a receber a recompensa merecida, eis que a mão impiedosa da morte vem arrebatá-lo.

Contratada a publicação e ilustração da *História da Guerra do Paraguai* – com importante casa da Alemanha, não poderia estar longe o dia de ser ela entregue à apreciação pública.

Arthur Montenegro era casado, natural do Ceará e descendente de importante família da cidade de Fortaleza.

Pelos seus dotes intelectuais, pela amenidade do seu trato, e pela inteireza de caráter era geralmente estimado.

Deplorando o prematuro passamento desse digno patrício, a *Tribuna do Povo* endereça sinceros pêsames à sua família.

##########

DIÁRIO POPULAR - José A. Montenegro¹¹

Aos estragos de uma enfermidade cruel e tenaz, faleceu anteontem, no Rio Grande, o hábil e conhecido publicista Sr. José Arthur Montenegro.

Apesar da gravidade do mal que lhe minava, há tempos, o organismo, o Sr. Montenegro pôde, a custa de muito trabalho e de muita paciência, colecionar uma série de documentos de extraordinário valor para diversos fatos da história nacional.

Empreendeu, em seguida, o grande e importante trabalho de escrever a *História do Paraguai* e, nesse patriótico empenho, revelou uma atividade descomunal, conseguindo os melhores documentos para instruir a sua obra.

A morte surpreendeu-o, quando tratava de dar ao prelo o seu trabalho, quando devia oferecer à sua pátria mais um esforço da sua inteligência esclarecida e do seu patriotismo.

No interesse de fazer um trabalho completo, o Sr. Arthur Montenegro criou relações com os homens mais notáveis do país, dos quais recebeu largos subsídios para a sua história, que é também o melhor atestado da sua competência e dos seus desejos de prestar à pátria mais um serviço assinalado.

¹¹ DIÁRIO POPULAR. Pelotas, 5 abr. 1901, a.12, n. 80, p. 1.

As letras pátrias perdem um cultor de merecimento e a sociedade um bom e distintíssimo baluarte do seu progresso.

Damos sentidos pêsames à sua Exma. família.

##########

A FEDERAÇÃO - Registro mortuário¹²

Faleceu no Rio Grande, vítima de antigos padecimentos, o Sr. José Arthur Montenegro, escritor de talento e um patriota distinto.

Fez como sargento do exército a Guerra do Paraguai, para onde foi muito jovem ainda, prestando excelentes serviços à pátria.

Era natural do Ceará, casado e ultimamente estava empregado como secretário da E. F. de Bagé.

Arthur Montenegro era muito dado a estudos históricos.

Deixou publicadas diversas obras:

– Resumo da ordenança sobre os exércitos e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional (1893); Memórias de Mme. Duprat de Lasserre, tradução e notas (1894); Monografias históricas (Guerra do Paraguai), tradução da obra de Juan Silvano de Godoi, cheia de notas eruditíssimas ampliando e refutando o texto (1895); Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul, que lhe valeu a admissão como sócio correspondente da

¹² A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 8 abr. 1901, a. 18, n. 83, p. 2.

Academia Cearense (1895); *Fragmentos históricos (homens e fatos da Guerra do Paraguai)*, cuja edição ficou pronta há poucos dias.

Além destes importantes trabalhos, publicou em jornais os seguintes.

Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai (2 meses, janeiro e fevereiro, no Diário do Rio Grande, e os restantes em uma folha do Ceará, parece que a República);

Em preparo ou concluídas tinha:

História da Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai, obra de fôlego, na qual Arthur Montenegro ocupara longos anos de insano labor;

Bibliografia rio-grandense.

O operoso patrício era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro correspondente do Instituto Geográfico-Arqueológico de Pernambuco e sócio correspondente da Academia Cearense e da Sociedade de Geografia de Lisboa.

#########

JORNAL DO COMÉRCIO - Rio Grande do Sul¹³

(...)

Na cidade do Rio Grande faleceu José Arthur Montenegro.

¹³ JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro, 12 abr. 1901, a. 81, n. 101, p. 1.

Sobre o falecimento escreve o *Correio Mercantil* de Pelotas o seguinte artigo:

"Vítima de antigos padecimentos que de há muito lhe torturavam a existência, sem, aliás, conseguir afastá-lo do trabalho com que servia às letras e à pátria, sucumbiu anteontem no Rio Grande o distinto cavalheiro José Arthur Montenegro, escritor vigoroso, historiador de pulso, espírito elevado e solidamente ilustrado.

Arthur Montenegro serviu, no exército, ao Brasil na guerra contra o ditador Lopes, e a esse período épico da nossa história consagrou a maior parte dos seus estudos.

Deixou como obra de maior vulto para lhe honrar o nome e o da pátria que estremecia, pronta, prestes a ser impressa, a sua *História do Paraguai*.

Escreveu também guias bibliográficos, refundiu e anotou muitos livros nacionais e uma avultada quantidade de memórias esparsas, muitas inéditas.

O Correio Mercantil teve já mais de uma vez a honra de sua colaboração.

Era filho do Ceará, casado e maior de 30 anos o malogrado cidadão, que ultimamente desempenhava as funções de secretário da Estrada de Ferro do Rio Grande a Bagé.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

A ação de Montenegro como colaborador junto à imprensa periódica foi tão vasta que os destaques a seguir constituem uma breve amostragem desse conjunto de produções. Em seu livro, *Fragmentos históricos: homens e fatos da Guerra do Paraguai*, o próprio autor revelava esse íntimo contato com o jornalismo, destacando que alguns dos textos de tal obra eram oriundos de periódicos, tais como o *Correio Mercantil*, da cidade gaúcha de Pelotas e a *Revista Moderna*, de Paris¹⁴. Os artigos jornalísticos de Arthur Montenegro se concentraram na cidade onde residiu, trabalhou e edificou grande parte de sua pesquisa – Rio Grande – na qual colaborou com vários jornais. Também o periodismo da cidade de Pelotas, vizinha da comunidade rio-grandina, recebeu trabalhos da sua lavra. Outro polo em que seus escritos se fizeram presentes foi a sua terra natal, com publicações da época em que lá voltou a residir, como foi o caso de matéria editada em *A República* de Fortaleza¹⁵.

J. Arthur Montenegro publicou vários artigos junto à imprensa diária da cidade do Rio Grande. Um dos jornais rio-grandinos em que apresentou seus trabalhos foi o *Eco do Sul* (1858-1934), um dos mais tradicionais periódicos citadinos. À época imperial, apoiou a agremiação conservadora, chegando a constituir órgão do partido, caracterizando-se por um discurso forte de apoio aos conservadores e de oposição aos liberais. Com a proclamação da República,

¹⁴ MONTENEGRO, José Arthur. *Fragmentos históricos: homens e fatos da Guerra do Paraguai.* Rio Grande: Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1900. p. 3, 11 e 51.

¹⁵ MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 376.

aplaudiu a nova forma de governo, mas, em seguida, começou a discordar do modelo autoritário pelo qual ela se consolidava. Nesse sentido, fez aberta oposição ao regime castilhista, que dominou autoritariamente o Rio Grande do Sul, chegando a colocar-se na resistência a tal sistema. Essa postura custou pesada perseguição, vindo a circulação da folha a ser suspensa por diversas vezes, tendo em vista esse tão próximo cerceamento¹⁶.

Um dos escritos de Montenegro nas páginas do *Eco do Sul* foi "Navegação no Ibicuí"¹⁷. Na abertura da matéria, a redação do periódico avisava:

Há dias demos ligeira notícia sobre a navegação do Rio Ibicuí, que vai ser iniciada por um vapor de propriedade dos Srs. Barbará & Irmão, de Uruquaiana.

A propósito desse rio, cujos limites ainda não estão demarcados, facilitou-nos o Sr. José Arthur Montenegro a descrição que inserimos abaixo e que faz parte do *Dicionário hidrográfico* que S. S. tem em elaboração.

Pedimos a atenção dos leitores para o importante trabalho do investigador incansável, o Sr. Montenegro.

30

¹⁶ ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002, p. 271-272.

¹⁷ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 out. 1893, a. 40, n. 215, p. 1.



O texto publicado por Montenegro em "Navegação no Ibicuí" constituía uma adaptação, com ligeiros reparos do capítulo apresentado no livro *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*¹⁸. As informações a respeito dessa via hidrográfica viriam a ser transcritas pelo *Jornal do Comércio*¹⁹, do Rio de Janeiro, uma das mais longevas e relevantes publicações brasileiras, que estampou o artigo "O Ibicuí", no qual afirmava que voltava a editar matéria de autoria de Montenegro:

Há tempos transcrevemos do *Eco do Sul* um artigo escrito sobre este importante rio, pelo Sr. J. Arthur Montenegro e, tendo o mesmo Sr. apresentado novas e detalhadas informações, julgamos de interesse torná-las conhecidas dos leitores.

Em outra participação do escritor no mesmo periódico, ele realizou uma de suas especialidades, com a tradução e introdução de um texto, no caso, uma narrativa de viagem. Nessa linha, foi estampada à primeira página do jornal a matéria "A *Viagem pitoresca* de B. Bossi", a qual permaneceria nas colunas do *Eco* ao longo dos meses de fevereiro e março, sendo interrompida em 31 deste último. No mês seguinte, a 6 de abril, o *Eco do Sul* viria a suspender suas edições, tendo em vista a ferrenha perseguição política que vinha sofrendo, por motivo de sua

¹⁸ MONTENEGRO, José Arthur. *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul.* Rio Grande: Livraria Americana, 1895. p. 11-19. A respeito desta obra, ver o número 19 desta Coleção.

¹⁹ JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro, 17 jan. 1894, a. 72, n. 17, p. 1.

postura oposicionista em relação à situação reinante no Rio Grande do Sul. Além da versão para o português, Montenegro redigiu um prefácio²⁰.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$



²⁰ ECO DO SUL. Rio Grande, 10 fev. 1894, a. 41, n. 33, p. 1.; ECO DO SUL. Rio Grande, 11 fev. 1894, a. 41, n. 34, p. 1.; e ECO DO SUL. Rio Grande, 13 fev. 1894, a. 41, n. 35, p. 1.

PREFÁCIO DO TRADUTOR

Obedecendo ao pensamento de nacionalizar uma obra de incontestável importância geográfica a qual tratando de uma das mais ricas zonas do globo, vai tornando-se cada dia mais rara, empreendemos a ligeira tradução que oferecemos à consideração pública, esperando que ela tenha o acolhimento que mereceu a primitiva edição em italiano.

Da nossa parte é um tímido ensaio à publicação desta obra.

Se a crítica séria dos competentes vier em nosso auxílio com a generosa animação que desperta estímulos, que alenta a coragem de quem dá o primeiro passo nesta espinhosa senda, continuaremos a tarefa que desejamos realizar publicando em língua vernácula outras obras não menos interessantes cujos exemplares dia a dia vão desaparecendo e que merecem, pela transcendência do assunto e íntima conexão com os variados problemas econômicos que nos cumpre resolver, ser conhecidos pela maioria dos nossos concidadãos.

O conhecimento exato da nossa geografia e recursos naturais do solo demonstrará os incalculáveis tesouros que temos improdutivos nessa imensa região desabitada que se estende do Paraguai aos confins do vale amazônico, a praticabilidade de sua exploração e aproveitamento, uma vez realizadas as obras preliminares no seu vasto sistema hidrográfico, será um passo gigantesco para o desenvolvimento da riqueza pública e vasto campo para a iniciativa particular estender a esfera de sua atividade produtora.

Encarado sobre esse ponto de vista, o trabalho que ora apresentamos é palpitante de interesse. O Sr. Bossi, em procura dos misteriosos tesouros dos *Martírios*²¹, explorou a zona mais desconhecida do grande Estado do Mato Grosso

Da cachoeirinha da Chapada, sítio que é hoje de Martinho de Oliveira, dizia o dito Antônio Pires, que partiram seguindo o rumo norte e noroeste, levando o nascente do sol pelo lado direito e o poento no esquerdo, fazendo marchas tão somente de metade do dia, para, no mais que sobrasse, buscar a vida matando caça e tirando mel silvestre, que era o sustento comum de todos os sertanistas; e marchando assim, ao cabo de oito dias, deram com um rio que fazia sua corrente para o norte, o qual era de cor de leite as suas águas, com muitos botos do mar salgado, a que chamaram *Paranatinga* que vertido em nosso idioma quer dizer *mar branco*.

E fazendo ele canoas, passaram o dito rio, seguindo o mesmo rumo, chegaram ao pé da sobredita serra, achando outro rio largo que acompanhava essa serrania, e vendo a fúria e o desembaraço com que os desafiava, fizeram uma trincheira de madeira grossa ao pé desse rio, dentro da qual se aquartelaram, o que não teve efeito; e como este rio no tempo seco míngua as suas águas, ficando somente algumas poças, daí veio o chamarem-lhe – *Paraupava* – que quer dizer *mar cortado*.

Neste rio, como moços eles iam brincar, apanhando às mãos cheias granitos de ouro que levaram a ofertar às suas parentas e obrigações do povoado, por lhes parecer bem a cor daquele metal cujo

²¹ Sobre os misteriosos tesouros dos Martírios, eis um antiguíssimo e curioso documento:

[&]quot;... Notícias que me participou muitas vezes Antônio Pires de Campos, o velho da paragem chamada – Martírios – cujo nome indaguei, querendo saber a sua etimologia; explicou-me ele que na serra ou pedernais de cristais que do meio dela se emparedam até o alto, tinha por obra da natureza umas semelhanças da *coroa, lança* e *cravos* da paixão de Jesus Cristo, mas tudo tosco; por esta razão apelidaram a dita serra como o nome de – Martírios –, a qual paragem fora ele Antônio Pires, sendo da idade de 14 anos, com seu pai Manoel de Campos, que era o cabo que mandava na tropa de 60 homens armados, que iam nesta bandeira a conquistar o gentio daquele distrito chamado Serranos, que habitam pelas margens da dita serra, a qual tinha a sua vereda no nascente para o poente e tão elevada na altura que se fazia incomparável à vista das mais serras que havia no sertão. Nesta mesma bandeira também andara o defunto Bartolomeu Bueno, que teria a mesma idade, com seu pai, que indo de muitos descobrir ouro que tinha visto na tal paragem, resolveu errando o rumo e indo já de volta para o povoado, descobrir as minas de Goiás – nome do gentio que ali habitava.

e, com o espírito sagaz e observador que lhe era peculiar, nos apresenta um quadro real desse território, mostrando quantas riquezas naturais esperam pacientemente ação benéfica do homem para transformar sua selvagem potência produtora em vasto celeiro do mundo.

Cientificamente não pouco interesse encerra.

Às instâncias do conselheiro Ferreira Puma, então presidente da província e do nobre barão de Melgaço, o Sr. Bossi determinou rigorosamente a posição geográfica de todos os lugares importantes que visitou; estudou a ligação hidrográfica de uma zona relativamente grande, mostrando as facilidades que existem para a navegação fluvial desenvolver-se extraordinariamente, visitou algumas tribos indígenas de cujo estágio nos dá interessantes pormenores; as curiosidades naturais, a botânica, a mineralogia ocupam páginas de verdadeiro interesse.

valor ignoravam naquele tempo; e por prendas à N. S. da Penha da cidade de S. Paulo, lhe puseram no braço uma dessas folhetas com o peso de 13 oitavas, que há pouco tempo se desfez em um resplendor para o Menino Deus; e passados muitos anos descobriram as Minas Gerais e se começou a dar valor ao ouro. Dizia mais o dito Antônio Pires, que para esta conquista se não podia entrar com menos de 100 armas de fogo, pois o gentio é terrível e se sustenta de carne humana de outras nações que apanha.

Também *disse* o dito defunto que nestas minas não podia permanecer descoberta alguma por falta de disposições de terras minerais e só neste lugar tinha visto capacidade igual às que vira e experimentara naquele terreno de Minas Gerais, que tudo tinha sulcado e visto, e que por se achar com 90 anos o não ia descobrir.

É quanto posso testemunhar de ouvido do sobredito defunto Antônio Pires, que faleceu haverá 20 anos, sendo meu vizinho muitos anos; e por verdade assino esta, jurando na minha alma quanto aqui se acha dito.

Vila de Cuiabá, em 27 de agosto de 1769. – *Antônio do Prado Siqueira.*"

Conservamos a singela naturalidade empregada pelo autor na descrição de suas explorações, mantendo, tanto quanto foi compatível com a diferença de línguas, o estilo especial e ameno de que se serviu para essa produção que tantos aplausos mereceu. A maneira despretensiosa por que o Sr. Bossi narra suas aventuras, agrada sobremaneira a quem deseja a verdade antes de tudo, pois enxerga-se antes o esforço feito em prol da ciência – visando ao mesmo tempo grandes resultados onde tantas expedições naufragaram – que a preocupação de passar por literato ou o desejo de prender a atenção do leitor com fantásticas maravilhas ocultas na imensidade dessas florestas seculares onde o selvagem domina soberano.

Em antagonismo com tantos *sábios* que no estrangeiro escrevem sobre os sertões brasileiros, após ligeira visita ao nosso litoral, o Sr. Bossi só diz a verdade comprovada nas posteriores explorações de mais de um viajante; daí a importância de sua obra e a preferência que julgamos merecer sobre outras mais modernas, considerada sob muitos pontos de vista.

Para salientar o trabalho do Sr. Bossi, citamos uma engraçada fantasia de um *sábio* alemão que, visitando o Brasil, em fins do século passado, publicou em Viena uma obra em cinco grossos volumes sobre a América do Sul, intercalando no texto numerosas gravuras representando animais *anti-diluvianos* que diz ter encontrado nas cavernas e florestas da nossa pátria²²:

²² O leitor que desejar conhecer a interessante narrativa de que vamos fazer a ligeira resenha, consulte a notável obra do Dr. Felício dos Santos: *Acaiaca*, publicada em 1884 pela *Gazeta Universal*.

"Estávamos sob o domínio da metrópole.

A sociedade da Roda, obtendo licença d'El Rei D. José I para minerar na vertente oriental do Ibitira, no distrito de Diamantino em Minas Gerais, mandou extrair rochas e lajedos das pedreiras próximas à caverna do Tapinhangá²³, a fim de empregá-las na derivação de um curso de água, na construção de diques, tanques, etc.

Durante a execução desses trabalhos, apareceu ali o tal sábio alemão, Dr. Zschokkeffs, que se dizia comissionado pelo seu governo para diversas explorações científicas, sendo recebido delicadamente pelo intendente do Tejuco, desembargador Sancho de Andrade Castro e Lanções que, para obsequiá-lo e proporcionar-lhe mais uma ocasião de admirar nossas riquezas, levou-o ao lugar onde se faziam os trabalhos da mineração.

A extração dos lajedos e escavações já tinha alargado muito a entrada da caverna e os mineiros na ocasião da visita, retiravam das suas fragosidades grande número de objetos que tinham pertencido aos silvícolas, tais como maracás, cocares, arcos, flechas, macanas, etc., muitos ossos dispersos e esqueletos completos.

O Dr. Zschokkeffs perguntou ao intendente que *fósseis* eram aqueles, ao que este respondeu 'que eram ossadas dos selvagens que habitaram aquela região, os quais costumavam atirar naquela caverna o corpo dos mortos com suas armas e utensílios'.

²³ *Tapinhangá* – é o nome de uma caverna que existe próxima à vila do Tejuco.

O sábio tomou nota em sua carteira e anos depois se lia em sua *História da criação e transformação do globo*²⁴ – págs. 325 a 330 tomo II – No dia 6 de fevereiro (1753), tendo subido ao alto do morro de Santo Antônio, deliciosa planura que domina o arraial, com vistas mais pitorescas para todos os pontos do horizonte, avistei do lado ocidente a boca de uma profunda caverna, que tive a tentação de examinar.

Apenas manifestei este pensamento, um como arrepiamento geral apoderou-se de todos os circunstantes que me acompanhavam. Que temeridade! dizia um. Que imprudência! dizia outro. Vai procurar a morte infalível! dizia outro. E como estas, ouvi outras muitas exclamações de horror.

O intendente voltando-se para mim, disse-me:

- Então o Sr. pretende ir examinar o Tapinhangá?
- O que é Tapinhangá?
- A caverna do diabo.

Soltei uma gargalhada de que logo me arrependi, por conhecer que tinha ofendido a suscetibilidade dos circunstantes. Estes se tornaram silenciosos e percebi vivos sinais de descontentamento...

Os tejuquenses pensam que a caverna que chamam Tapinhangá é habitada por espíritos sobrenaturais; que lá se ouvem gemidos provavelmente

²⁴ Essa obra, publicada em Ulm, em 1763, valeu ao seu autor ser admitido como sócio das principais sociedades científicas da Alemanha!

das vítimas que são aprisionadas; que à noite se veem fantasmas negros pairando por cima dos rochedos na forma de grandes morcegos e em outras superstições semelhantes.

Por isso nunca se aproximam da caverna e quando passam é de longe e persignando-se. Não me foi possível dissuadi-los desses prejuízos.

Assim parti unicamente seguido pelo meu particular amigo J. Kupferschiefer, hábil desenhista, que me acompanhava sempre em minhas viagens. Como disseram-me que a caverna era escura, apercebi-me de tochas de que usam os naturais do país, feitas de uma gramínea que chamam *tiririca* untada de resinas.

Nunca tive uma ideia mais feliz do que nesse dia pelas importantíssimas descobertas que fiz e que vão de uma vez confirmar as últimas teorias geológicas.

Os princípios estão comprovados, a ciência está salva!

E *a mim cabe parte da glória* (sic), por haver contribuído para a sua sustentação.

O Tapinhangá é uma espaçosa caverna, imensa, profunda, coberta por um grande rochedo que sobressaí do lado do ocidente. Descemos por uma longa escadaria natural, de pedra, até a profundidade de 1.226 pés abaixo do nível da entrada. Grossas colunas formadas pelas estalactites e concreções pedregosas pareciam sustentar a abóboda granítica.

Íamos acompanhados de três criados nossos, alemães, que conduziam as tochas. As luzes já pouco esclareciam pela falta do oxigênio, quando chegamos ao fundo da caverna. Levado pelo amor da ciência *a que tenho dedicado minha vida inteira*, ordenei que se fizessem algumas escavações no solo²⁵.

Foi uma inspiração divina que tive. O mais rico arquivo do mundo primitivo patenteou-se aos meus olhos: parece que a providência havia coligido folha por folha a história das épocas dispersas por todo o globo terráqueo para depositá-lo nessa caverna sombria em um canto do mundo. Julguei estar vivendo em um tempo anterior a criação do homem, ou ao menos em uma época anti-diluviana.

Para dar uma ideia, posto que imperfeita, da importante descoberta que fiz, vou descrever os fósseis que apareceram nas escavações que mandei proceder. E para melhor ser compreendida, irá acompanhada das respectivas estampas, *que foram fielmente tiradas* a meu pedido pelo *sábio* J. Kupferschiefer.

A figura n. 1 representa um gigantesco dinormis (do grego deidos, terrível e ornis, pássaro) ave de rapina dos tempos anti-diluvianos, cuja espécie já não existe. Congênere do condor que conhecemos, era fissípede, com três garras anteriores e uma posterior. Tinha o bico arqueado como o da águia, começandose a curvar algum tanto distante da base, coberto de pele nua na qual se achavam situados os narizes; ambos os olhos cintilantes, as unhas aduncas, o hálito forte, o grito horrível, o corpo robusto, a índole ativa, indomável e ao mesmo tempo

²⁵ É escusado dizer que Zschokkeffs não penetrou na caverna.

generosa; o voo curto e pesado. Tão prodigiosa era a força do *dinormis* que podia elevar até às nuvens um elefante de nossos tempos, sustentando-o nas garras com tanta facilidade como uma águia faz com um pequeno animal.

Conheci e reconstruí essa ave *só por algumas penas* da cauda, que encontrei, cada uma das quais tinha *vinte e dois palmos de comprimento*²⁶!

A figura n. 2 representa um enorme tatu (*dasypus gigas*) que reconstruí com os fósseis que encontrei. Era do tamanho de um grande elefante. Herbívoro, conquanto também se alimentasse de pequenos animais na falta de ervas, seu principal alimento. Tinha unhas agudas e próprias para cavar a terra; os olhos vivos, a índole indomável, o sangue negro, a cabeça cinzenta com laivos avermelhados. A concha que o cobria e servia-lhe como de escudo, era composta de escamas embicadas, dispostas em anéis e de forma hexaédrica.

Reconstruí este animal por ter achado um fragmento de sua concha²⁷.

A figura n. 3 representa o *homo diluvü testis*.

É o esqueleto completo de um gigante, achado na camada intermédia dos fósseis do Tapinhangá. Pertence a um indivíduo da primitiva raça humana, que

²⁶ O leitor terá compreendido o acervo de falsidades que Zschokkeffs escreveu para seus patrícios a respeito do Tejuco. As penas que se encontram no Tapinhangá e que lhe foram apresentadas eram de *araras* de que os índios faziam os seus cocares. Entretanto, ele dá-lhes *vinte e dois palmos* de comprimento e com elas reconstrói o seu fabuloso *dinormis*! Eis como os estrangeiros, sábios improvisados, escrevem suas viagens.

²⁷ O sábio naturalista viu o fragmento de maracá ou cabeça que tomou por concha de tatu ou dasypus gigas!

com o dilúvio desapareceu da face da terra. Por ele se pode concluir quanto a nossa espécie degenerou fisicamente depois desse imenso cataclisma.

O esqueleto tem *cento e oitenta* pés de altura; a tíbia tem quarenta; o crânio tem setenta e cinco de circunferência. Eu e o meu amigo J. Kupfershciefer entramos ambos em uma das cavidades dos olhos; passeamos pelo crânio e saímos pela boca. Ao sair Kupfershciefer tropeçou em um dos dentes incisivos e deu uma queda que lhe ia sendo bem fatal.

O *homo diluvü testis* era de gênio irascível, indolente, astuto, falto de fé em suas transações, turbulento, ambicioso, soberbo, sem amor, sem caridade, sem sentimentos religiosos, sem estímulos de honra e virtude, um selvagem, quase um animal bravio. Devia ter cabelos negros, olhos negros, nariz aquilino, lábios grossos, cútis morena. Todos esses predicados coligi possuir o *homo diluvü testis* – por ter notado uma curvatura *quase imperceptível* na última falange do dedo mínimo do pé esquerdo! Oh! grandeza da ciência!

Devia ser herbívoro, conquanto seu estômago, insensível à ação do mais forte veneno, pudesse digerir a pedra e o ferro.²⁸"

Passando a outra ordem de inexatidões, vemos o coronel Fausto de Souza, em seu interessante estudo sobre a divisão territorial do Brasil, citar curiosas mentiras geográficas e históricas e encontradas nas obras modernas de vários escritores de nomeada, das quais salientamos as seguintes:

 $^{^{28}}$ O esqueleto do - homo $diluv\ddot{u}$ testis - de que fala Zschokkeffs, é o mesmo de um índio que lhe foi apresentado pelo intendente do Tejuco.

O conde D'Usel (*Sejour et Voyage au Brezil*) diz que a fazenda imperial da Santa Cruz está situada à beira-mar.

Willian Smith, na sua *Viagem à roda do mundo*, tomo VI, afirma que o palácio do imperador do Brasil está edificado no *morro do Castelo*!

O sábio Ch. Lyell, na muito conhecida obra *Princípios de Geologia*, 1843, tomo I, pág. 393 — dedicado a Lonsdale e revista por Francisco Arago (também dois sábios) diz que os Rios S. Francisco e das Velhas são tributários do Paraná!

Castelnau – (*Expedition dans le parties centrales de l'Amerique do sud*) descobriu que a baía do Rio de Janeiro é uma cratera de sublevação.

Este mesmo viajante, encontrando em Manaus uma pedra lavrada por um pedreiro, representando uma figura grosseira, comprou-a, conduzindo-a a Paris, em 1847, e a expôs publicamente nas Tulherias, afirmando ser uma estátua das amazonas brasileiras.

Eugênio Rodrigues (*Descrizione del viaggio dela frotta di Napoles* – pág. 63) diz que *visitou* na capela da Boa Viagem, no Rio de Janeiro, o túmulo de Duguay Trouin *sui colle madesino ave il trovô morte*.

O leitor em lugar dessas falsidades, desses erros prejudiciais à ciência, encontrará no trabalho do ilustre explorador italiano curiosas narrações, interessantes pormenores sobre a etnografia dessa porção do nosso território; achará apreciáveis descrições desses rios inexplorados, dessas impenetráveis florestas, dessas campinas imensas, onde se encontram riquezas incalculáveis

que jazem improdutivas, atestando ao mundo e à civilização o grau e força da nossa indolência.

Arthur Montenegro

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Outro periódico rio-grandino com o qual Arthur Montenegro colaborou foi o *Diário do Rio Grande* (1848-1910). Ao final do século XIX, o *Diário* era a mais antiga publicação citadina e, ao longo de sua existência, teve, nos primeiros anos, um vínculo com o partido conservador, para, mais tarde, com uma mudança de proprietário, passar a defender o ideário do partido liberal. Apesar de tais filiações, sua maior preocupação era a manutenção da venda das assinaturas e da inserção de material publicitário, fatores que levavam à busca



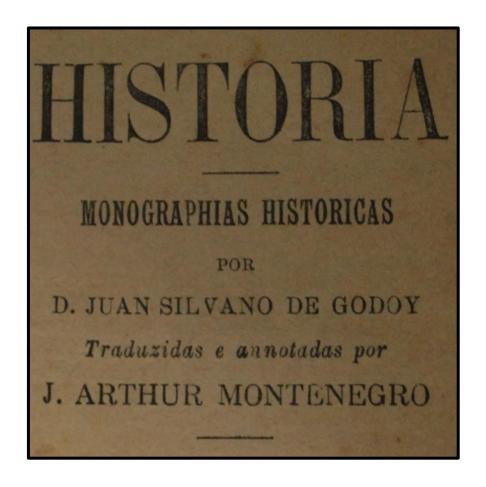
de uma certa primazia do noticioso sobre o conteúdo partidário. A partir da instauração da nova forma de governo, buscou acentuar sua postura informativa como estratégia discursiva, visando a manter uma propalada neutralidade, tendo em vista a forte coerção governamental em relação à liberdade de expressão²⁹.

No *Diário do Rio Grande*, Montenegro publicou "Monografias históricas por D. Juan Silvando de Godoi", antecipando o material que comporia o livro *Guerra do Paraguai – monografias históricas por Juan Silvano Godoi*30. Arthur Montenegro atuava mais uma vez como tradutor e anotador, trazendo ao público a versão de um autor paraguaio para os eventos da Guerra do Paraguai. Inicialmente o escritor brasileiro apresentou um artigo denominado "Refutação necessária", explicando suas discordâncias para com o texto traduzido, e, nas edições seguintes promoveu a tradução/transcrição, de modo que tal inserção iniciou-se em maio de 1893³¹ e estendeu-se até junho do mesmo ano.

²⁹ ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 157.

³⁰ MONTENEGRO, José Arthur (org.). *Guerra do Paraguai – monografias históricas por Juan Silvano Godoi.* Rio Grande: Livraria Americana, 1895. Ver o número 18 desta Coleção.

³¹ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 31 maio 1893, a. 45, n. 12.557, p. 1.



Uma correspondência enviada pelo escritor à redação do *Diário do Rio Grande* também foi publicada pela folha. A missiva, sob o título "Uma bandeira

gloriosa", continha por tema o resgate de uma flâmula nacional que percorrera vários cenários do teatro bélico na Guerra do Paraguai³².

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

UMA BANDEIRA GLORIOSA

Sr. Redator

Exponho hoje na vitrine da Livraria Americana a bandeira nacional que os portugueses residentes em Pelotas ofereceram ao 1º corpo de voluntários que ali se organizou em 1865.

E para que o público possa apreciar devidamente essa relíquia preciosa, eis sua história descrita no ofício que nesta data envio ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

Senhores membros do Instituto

Tenho a honra de depositar em vossas mãos a bandeira brasileira que a colônia portuguesa da cidade de Pelotas ofereceu ao 1º corpo de voluntários da pátria ali organizado em novembro de 1865.

Ao entregar-vos essa insígnia gloriosa, permiti, meus ilustres mestres, que a largos traços relembre o itinerário seguido por esse farrapo querido desde as

³² DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 4 set. 1893, a. 48, n. 13.533, p. 1.

margens do S. Gonçalo até os inóspitos desertos de Ibitini – através dos profundos esteiros, das matas virgens, das campinas agrestes, das cordilheiras áridas e abruptas do Paraguai – guiando altaneiro punhado heroico de *gaúchos* em seu torno agrupados pelo mais nobre dos sentimentos humanos: o amor da pátria.

Esse glorioso trapo de seda, desbotado pelos raios ardentes do sol dos trópicos, roto pela metralha, rasgado pela lança inimiga, foi alvo muitas vezes do último e velado olhar do moribundo que o via para sempre afastar-se no turbilhão da refrega, lembrando nesse instante supremo, nesse derradeiro lampejo de vida – o campanário da aldeia, os afagos da esposa, ou as cãs venerandas de uma pobre mãe... a vida inteira relembrada ao som estridente do canhão!

Essa relíquia histórica, que é hoje guardada no templo augusto das letras pátrias, tremulou altiva nas trincheiras de Carapá, Boqueirão e Curuzu, guiou seus guardas aos muros de Curupaiti, desfraldou-se altaneira, no Guaiaivi, no Arroio Houdo, nos Palmares em Tatagibá, luziu fremente em S. Solano, no Jacaré, em Nhembocú no Estero Rojas e no Tagi; arrastou os nossos esquadrões em Potreiro Ovelha, no Tebiguari, em Surubi-i, levou a imagem santa de nossa pátria de Tuio-Cué aos desertos inóspitos do Panadero, desdobrando-se invencível em Avaí, Ita-Ivaté, Potreiro Valdovino, Lomas Valentinas, Cerro Leon, Azcurra, Sapucaí, Barrero Grande, Perebebuí, Vhúguassú e Potreiro Recalde.

Sobre esse emblema querido pousou esperançoso o olhar dos novos velhos cabos de guerra quando, no fragor das batalhas, em vertiginoso galope, guiava \grave{a} carga esses temerários gaúchos, esses atrevidos centauros imortalizados pelo herói de Caprera. E os manes de Osório, Andrade Neves, Vitorino Monteiro, João

Manoel, Porto Alegre, Caxias, Conde D'Eu, Astrogildo, Niederauer, Chananeco, podem ser evocados ao contemplar-se em profundo e respeitoso recolhimento, essas cores desbotadas pelo fumo de vinte e nove combates.

* * *

A 15 de novembro de 1865, na Capela do Hospital Português de Pelotas, o Revmo. Bispo D. Sebastião Dias Laranjeira lançou a benção eclesiástica sobre essa bandeira que hoje tenho a honra de confiar à vossa guarda. – Serviu de paraninfo o general visconde da Boa Vista, presidente da província.

A 4 de dezembro seguinte, formado em parada o 2º corpo de cavalaria e duas companhias de infantaria de voluntários pelotenses, respectivamente comandados pelo tenente-coronel João Batista de Oliveira e major Francisco Cardoso da Costa, o vice-cônsul português José Vieira Pimenta fez entrega da bandeira ao coronel Manoel Lucas de Oliveira, comandante da brigada que se organizou nos municípios de Pelotas e Piratini.

A brigada Lucas de Oliveira marchou do Orqueta para S. Borja onde se incorporou ao 2º corpo do exército do comando do tenente-general barão de Porto Alegre e ao transpor o Uruguai em marcha para o teatro da guerra (10 de abril de 1866), o corpo tomou o número 13º e, sob o comando do major Vasco Pereira da Costa³³, foi reunido à célebre *brigada ligeira* do coronel Astrogildo Pereira da Costa, mais tarde barão de Aceguá.

³³ Morto como herói no combate do Estero Rojas a 24 de setembro de 1867 à frente desse valente corpo de cavalaria.

Sucessivamente refundido o exército em consequência das perdas sofridas em combate, o *Corpo de Voluntários Pelotenses* tomou diversas numerações e terminou a guerra com o número 12 com que voltou a S. Borja, onde foi dissolvido a 21 de maio de 1869.

Pelas pesquisas a que procedi verifiquei que essa gloriosa bandeira tremulou em vinte e nove combates, além das ações e tiroteios de pouca importância em que o corpo tomou parte.

No último combate em que entrou, quando o 12º corpo carregava contra a retaguarda inimiga, próximo do Arroio Houdo (afluente do Manduvirá-mí) foi rasgada por um golpe de lança, no mesmo momento em que o major comandante, José Luiz da Costa Júnior, recebia grave ferimento: é o rasgão que se vê à esquerda do escudo armilar.

* *

Encurralados os destroços do grande exército paraguaio, nos desertos do Panadero, completamente cercado pelas forças do general Corrêa da Câmara, todos os corpos de cavalaria que não operavam naquela zona tiveram ordem de regressar ao seio da pátria.

O 12º corpo, sob o comando do coronel Francisco Antônio de Moraes, chegou a S. Borja e foi dissolvido: dos 300 pelotenses que marcharam, só restavam *quinze* e nesse número contava-se o major fiscal Maximiano José do Monte, que recolheu a bandeira à cuja sombra combatera com heroísmo durante a penosa

campanha, onde, de simples praça de pré, ganhou as dragonas de oficial superior, sendo hoje coronel honorário do exército.

Com os olhos umedecidos e a voz trêmula de comoção o velho guerreiro separou-se dessa preciosa relíquia que conservou enobrecida durante trinta e um anos! E eu, seu amigo e admirador, sinto-me orgulhoso em pendurá-la na abóboda do Instituto para que as futuras gerações possam contemplar esse sagrado emblema que recordará sempre a página mais brilhante da nossa história.

Ao Exmo. Sr. conselheiro Olegário Herculano de Aquino e Castro, presidente e mais membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

J. Arthur Montenegro

José Pinto Madureira Secretário

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Também nas páginas do *Diário do Rio Grande* foi estampada mais uma matéria assinada por J. Arthur Montenegro. Eram outras "Memórias" por ele trazidas à divulgação por meio da imprensa, dessa vez envolvendo as recordações do militar russo E. Rostopchine³⁴. Novamente na forma de correspondência à redação, Montenegro fazia uma apresentação à obra transcrita.

³⁴ DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 30 out. 1895, a. 48, n. 13.283, p. 1.

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

MEMÓRIAS

 deixadas pelo célebre Rostopchine que incendiou Moscou em 1812, escritas pelo seu próprio punho e publicadas em Leipzig, em dezembro de 1855, poucos dias depois de sua morte:

Sr. Redator

Faz hoje 40 anos que faleceu em Leipzig o célebre cossaco E. Rostopchine, governador da praça de Moscou.

A importância política desta personagem, data do dia 15 de setembro de 1812 em que incendiou a cidade de cujo governo o czar lhe confiara, 24 horas depois de ter ali penetrado Murat com a vanguarda do *grande exército* que Napoleão levava para os quartéis de inverno de S. Petersburgo. Este terrível acontecimento, encomendado pelo governador ao furor cego de 5.000 galés postos em liberdade para esse fim, mais que nenhuma outra consideração determinou a retirada desse exército que devia na passagem do Berezina principiar a série de seus desastres, cujo epílogo foi Waterloo, a grande necrópole das glórias napoleônicas.

Enviando-lhe as *memórias* deixadas por este ente pouco vulgar, julgo dever precedê-las com as seguintes linhas de A. Hugo, descrevendo o medonho acontecimento que o celebrizou.

"... Ao tempo que as nossas tropas se espalhavam por Moscou, esta vasta cidade parecia deserta. Quarenta mil habitantes unicamente, quase todos da classe baixa, e alguns centos de mercadores estrangeiros tinham ficado em suas casas; porém, cheios de terror, tinham-se fechado nelas. Sinistra tranquilidade reinava nas ruas, há pouco tão populosas e tão cheias de movimento e ruído.

Bem depressa começou o incêndio; o sibilo das chamas, a crepitação das madeiras abrasadas, explosões multiplicadas, perturbam este silêncio de mau agouro.

Os primeiros fogos brilharam simultaneamente, às 5 horas da tarde, sobre três pontos diferentes: no Hospício dos Enjeitados, no Banco das Assinações e no Bazar.

Os soldados conseguiram extingui-lo, menos no Bazar, onde a violência do incêndio inutilizou todos os seus esforços.

Foi impossível salvar este imenso edifício construído à maneira dos das grandes cidades da Ásia, contendo um grande número de lojas, cheias de mercadorias preciosas; os mercadores, deixando a cidade por ordem do governador, não tinham tido tempo de levar consigo coisa alguma. Todas as grandes riquezas comerciais de Moscou, assim reunidas, foram pasto das chamas. Todo o dia 15 passou-se sem novos desastres, porém, ao cair da noite, o

incêndio brilhou em mais de 50 pontos diversos e opostos, tentaram em vão extingui-lo: Procurou-se em (...) Rostopchine, na sua cruel previdência, tinha feito desaparecer as bombas do incêndio e o fogo estendia-se com demasiada rapidez para que fosse possível extingui-lo por meios ordinários. Durante a noite foi laborando a conflagração. A 16, pela manhã, um vento violento começou a soprar: os incendiários organizados por Rostopchine, querendo aproveitar-se dele, puseram matérias combustíveis nas casas situadas na direção do vento. A ruína desta desgraçada cidade tornou-se então inevitável. Em algumas horas Moscou apresentou a imagem de um oceano de fogo, no qual rolavam aqui e ali, impelidas pela tempestade, enormes vagas de chamas e nuvens de fumo em turbilhões gigantescos. A violência do vento era tal que os pedaços de vigas inflamadas, levadas além de Moscou, iam incendiar quarteirões em que ainda não haviam tocado. Os telhados dos palácios, os zimbórios das igrejas, abatiam-se com estrondo.

Os desgraçados habitantes, repelidos pelo fumo e pelas chamas dos subterrâneos em que se tinham ocultado, corriam pelas ruas, conduzindo as mulheres, os filhos, ao som de gritos lancinantes. Os soldados viam com dor consumirem-se nas chamas os víveres e as munições que deviam restituir-lhes a abundância tão desejada e de que tanto careciam. Desde que se convenceram de que eram estéreis os esforços empregados para deter o incêndio, cessaram de o combater e por uma natural prevenção lançaram-se às casas onde o fogo ainda não chegara para tirarem os objetos que haviam mister e que iam tornar-se presa das chamas.

A 16, à noite, o imperador ameaçado no Kremlin pelo fogo, estabeleceu-se a uma légua de Moscou, no castelo de Petrowshol. O exército também saiu da cidade, que ficou por este modo sem defesa, exposta ao saque e ao incêndio."

Eis a obra, Sr. Redator, do terrível cossaco cujas *Memórias* lhe envio.

J. Arthur Montenegro

Rio Grande, 29 de outubro de 1895.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Outra publicação diária na qual Arthur Montenegro estampou seus trabalhos foi *A Atualidade* (1892-1894). Essa folha foi criada com o propósito de defender ardorosamente a forma de governo que fora derrubada no Brasil em novembro de 1889. Ferrenhamente monarquista, o jornal não poupou os novos governantes, fosse na esfera federal, fosse na estadual, opondo-se ao presidente da República Floriano Peixoto e, mormente, ao governante sul-rio-grandense Júlio de Castilhos, não medindo os desqualificativos imputados aos mesmos. Sua construção discursiva antirrepublicana voltava-se a demonstrar que o regime decaído tinha todas as vantagens sobre o novo, notadamente quanto às práticas da liberdade individual daquele e o autoritarismo coercitivo deste. Tendo em

vista tais posições, sofreu duras perseguições, com ameaças constantes à sua redação³⁵.

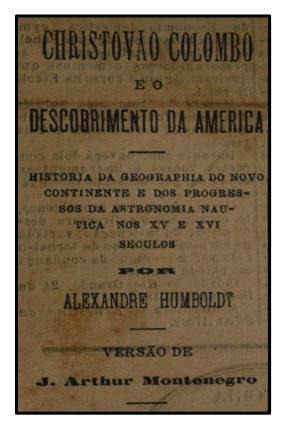
Em *A Atualidade*, aparecia mais uma transcrição, dessa vez da obra "Cristóvão Colombo e o descobrimento da América — História da Geografia do Novo Continente e dos progressos da astronomia náutica nos século XV e XVI séculos"³⁶, escrita por Alexandre Humboldt, com a tradução de Arthur Montenegro. Tal título percorreu as páginas da folha monarquista desde o final de 1893 até os primeiros meses do ano seguinte. Infelizmente, os exemplares remanescentes não trazem a primeira edição em que tais matérias foram inclusas, não havendo a possibilidade de constatar se aparecia um texto de abertura da lavra de Montenegro. Mesmo nos recortes de jornal colecionados no Arquivo Montenegro, identificados pela capa com o título escrito de próprio punho pelo autor, não há referência a uma apresentação de sua parte.

³⁵ ALVES, Francisco das Neves. *A convicção através da pena: a obra jornalística e literária do escritor Mário de Artagão no âmbito brasileiro-lusitano.* Lisboa: CLEPUL, 2016. p. 75-94.

³⁶ A ATUALIDADE. Rio de Grande, 5 jan. 1894, a. 2, n. 441, p. 1.



| Alexandre Humboldt |
|--|
| SELL LEGATOR - UNITAL AND A CONTROL HERE |
| Christovao Colombo Boc. 8 |
| Bescobrimento da America |
| |
| historia |
| da |
| geographia do novo continente e dos |
| progressos da astronomia nau- |
| XV e XVI |
| Versuo de |
| J. Arthur Montenegro |
| Membro correspondente de Institute Geographico Archeologico de Ternambuco, da Isciedade |
| de Geographia de Rio de Janeiro |
| e de Gristitute historico de Ceará |
| |
| |



Além dos jornais diários, J. Arthur Montenegro apresentou vários de seus escritos publicados em anuários sul-rio-grandenses, mais especificamente das cidades do Rio Grande e de Pelotas. Eram os almanaques, os quais reuniam e ofereciam um saber para todos, de cunho astronômico, religioso, social, científico, técnico, histórico, utilitário, literário e astrológico³⁷. Em seus conteúdos, os conhecimentos históricos e científicos ficavam entremeados por literatura,

³⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013. p. 480.

poesia, teatro, juntamente com humor, passatempos, jogos e miríades de informações úteis³⁸. Sem abdicar da sua função inicial de prognóstico, tais publicações ofereciam informação rápida e sintética em vários campos, bem como promoviam a oferta de literatura para públicos específicos³⁹.

Os almanaques refletiam a relevância que a leitura exercia na vida das pessoas, para as quais os mecanismos de entretenimento eram bastante escassos, de modo que ler passava a ser uma das ações fundamentais na ocupação do tempo livre. Eram voltados à leitura individual, mas também à coletiva, trazendo significativa repercussão, pois as informações/opiniões editadas em tais publicações eram repetidas à extenuação, ganhando força na formação da opinião dos leitores. Ao aliarem a leitura às representações iconográficas e aos mais variados tipos de passatempos, os almanaques atuavam como uma proposta alternativa em relação às demais modalidades de periodismo então em voga. A partir dessas potencialidades, o gosto pelos almanaques expandiu-se pelo mundo⁴⁰.

No Rio Grande do Sul, um dos mais longevos e organizados desses anuários foi o *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, publicado na cidade

³⁸ MOREIRA, Alice T. C. Almanaque: fonte plural da história da literatura do Rio Grande do Sul. In: *Letras de hoje.* Porto Alegre: PUCRS, 1998, v. 33, n. 3. p. 144.

³⁹ CHAVES, Vania Pinheiro. O *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* na história da cultura e das literaturas de Portugal e do Brasil. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Percursos críticos em história da literatura*. Porto Alegre: Libretos, 2012. p. 112.

⁴⁰ ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues: difusor do gosto pelos almanaques em terras sul-rio-grandenses. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva, 2014. p. 130.

do Rio Grande entre 1889 e 1917. Dentre seus objetivos estava o de colecionar os apontamentos que pudessem interessar a todos, mostrando o desenvolvimento e o progresso regional. Pretendia também, a partir de vários elementos esparsos, fazer um livro digno da aceitação e da proteção pública⁴¹. A redação do *Almanaque* apontava para o intento constante de buscar aperfeiçoamentos de ordem gráfica e nas partes estatística e literária, além de informar que o anuário estava aberto para receber colaborações em qualquer sentido⁴². O título inicial era *Almanaque literário e estatístico da província do Rio Grande do Sul*, mas, com a mudança da forma de governo, foi suprimido o "da província".

Nas páginas desse almanaque, tornaram-se bastante comuns os textos de natureza histórica, biográfica e geográfica, constituindo um espaço ideal para a inserção de escritos de Arthur Montenegro. Nesse sentido, o escritor publicou no *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul* vários textos, em grande parte voltados à sua temática preferida, a Guerra do Paraguai. Tais colaborações foram: "Batalha do Tuiuti"⁴³, "Combate de Iatai-Corá"⁴⁴, "O forte de Nova

_

⁴¹ ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1889. Rio Grande: Livraria Americana, 1888. p. 3.

⁴² ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1890. Rio Grande: Livraria Americana, 1889. p. 3.

⁴³ MONTENEGRO, José Arthur. Batalha de Tuiuti. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1892.* Rio Grande: Livraria Americana, 1891. p. 97-102.

⁴⁴ MONTENEGRO, José Arthur. Combate de Iatai-Corá. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1892.* Rio Grande: Livraria Americana, 1891. p. 217-220.

Coimbra"⁴⁵, "Batalha de Avaí"⁴⁶, "Tomada de Machorra"⁴⁷, "Uma bala histórica"⁴⁸, "Floriano Vieira Peixoto"⁴⁹ e "O marquês de Tamandaré"⁵⁰. Mesmo após a morte de Montenegro, o *Almanaque* continuou a homenageá-lo com a publicação/transcrição de seus escritos, como "O comissariado durante a revolução"⁵¹, "A epopeia paraguaia"⁵² e "Uma bandeira gloriosa"⁵³. Também como uma homenagem póstuma, o anuário rio-grandino trouxe ao público a biografia de J. Arthur Montenegro publicada no *Dicionário biobibliográfico cearense* de Guilherme Studart⁵⁴.

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

15

⁴⁵ MONTENEGRO, José Arthur. O forte de Nova Coimbra. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1893*. Rio Grande: Livraria Americana, 1892. p. 215-216.

⁴⁶ MONTENEGRO, José Arthur. Batalha de Avaí. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1894*. Rio Grande: Livraria Americana, 1893. p. 229-232.

⁴⁷ MONTENEGRO, José Arthur. Tomada de Machorra. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1895.* Rio Grande: Livraria Americana, 1894. p. 161-164.

⁴⁸ MONTENEGRO, José Arthur. Uma bala histórica. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1896.* Rio Grande: Livraria Americana, 1895. p. 237-240.

⁴⁹ MONTENEGRO, José Arthur. Floriano Vieira Peixoto. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1898*. Rio Grande: Livraria Americana, 1897. p. 203-210.

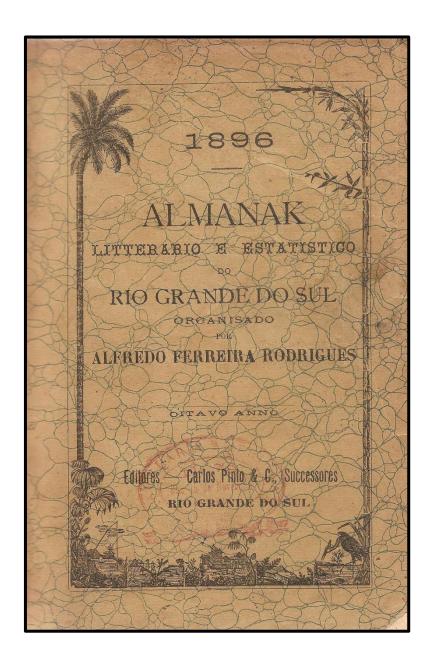
⁵⁰ MONTENEGRO, José Arthur. O marquês de Tamandaré. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1899*. Rio Grande: Livraria Americana, 1898. p. 83-90.

MONTENEGRO, José Arthur. O comissariado durante a revolução. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1904*. Rio Grande: Editores Pinto & Cia., 1903. p. 97-99.

⁵² MONTENEGRO, José Arthur. A epopeia paraguaia. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1905*. Rio Grande: Editores Pinto & Cia., 1904. p. 125-132.

⁵³ MONTENEGRO, José Arthur. Uma bandeira gloriosa. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1914*. Rio Grande: Editores Pinto & Cia., 1913. p. 208-210.

⁵⁴ ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL PARA 1914. Rio Grande: Editores Pinto & Cia., 1913. p. 201-206.



BATALHA DE AVAÍ (Episódios)55

Às 11 ½ o fogo do barão do Triunfo foi ouvido na direção da extrema esquerda dos brasileiros, o que indicava os seus progressos contra a ala direita paraguaia.

Este general, guiado pelo vaqueano Céspedes, avançara pelos desfiladeiros da picada que vai ao Potreiro Valdovino, conseguindo, depois de repelir alguns piquetes inimigos, ocupar com os clavineiros da brigada Vasco Alves os primeiros cabeços da colina que se estende além do arroio Avaí.

Nesse momento toda a linha paraguaia recuava em boa ordem para a planície e os brasileiros em sua perseguição trepavam o terreno elevado, debaixo de medonha e violenta saraivada de balas, foguetões e metralha.

A tempestade redobrava de furor: o ribombo do trovão e o faiscar dos coriscos mais aumentavam o horror da luta.

A chuva torrencial que caía, envolvendo o campo de batalha em espessa e pardacenta nuvem, não deixava distinguir coisa alguma a cinquenta metros de distância.

O terreno encharcado e escorregadio dificultava extraordinariamente a marcha dos brasileiros que recebiam pela frente a chuva e o granizo violentamente açoutados pelo tufão; a artilharia, arrastada a força de braços, subia com lentidão extrema o declive escarpado da montanha, sem poder

_

⁵⁵ MONTENEGRO, José Arthur. Batalha de Avaí. In: *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul para 1894*. Rio Grande: Livraria Americana, 1893. p. 229-232.

funcionar antes que a infantaria conquistasse as alfins, desalojando as divisões paraguaias que ali se mantinham.

O general Caballero, aproveitando habilmente essa circunstância, que lhe era toda favorável, e ignorando o movimento envolvente da cavalaria brasileira, fez retirar as duas alas de sua linha para o declive da colina oposto à sua frente, deixando o centro em batalha, apoiado por duas baterias, enquanto executava aquele perigoso movimento retrógrado, que os brasileiros não podiam ver em consequência da cerração e dos acidentes do solo.

Era intenção do general Caballero retirar o centro para a planície, logo que as alas tivessem tomado a posição indicada e assim ir sucessivamente recuando até alcançar a estrada de Vileta, onde as matas que a bordavam serviriam de apoio aos seus flancos. Executado esse movimento, sua retirada estaria garantida e salvo o seu exército: as bagagens, o parque e víveres já tinham tomado essa direção.

No entanto, esse único recurso falhou, o que pode ser levado à conta da fatalidade desse dia glorioso e desgraçado para o exército paraguaio. O movimento iniciado dividira seu exército em três grandes facções, ficando uma no cimo da montanha oposta à infantaria, que o marquês de Caxias conduzia em pessoa, e as outras duas 500 metros à retaguarda e a um quilômetro no prolongamento uma da outra, na base oposta da colina. Somente a cerração poderia proteger essa manobra audaz, que fracionava o exército em frente ao inimigo, que de todas as direções avançava em massa compacta.

O barão do Triunfo ocupou as alturas da esquerda, precisamente no momento em que a ala direita paraguaia, executando a manobra que lhe tinha sido prescrita, se ordenava no sopé da montanha. Compreendendo a situação, esse general não hesitou um momento: estendeu em linha suas duas divisões na crista da colina e partiu a todo galope, ladeira abaixo, para tomar de revés a infantaria contrária.

Ao soar dos clarins da cavalaria brasileira, o general Serrano, que comandava o centro, compreendeu o perigo a que estava exposto todo o exército com aquela inesperada aparição. Enquanto embaixo a infantaria ordenava-se em quadrado, fez avançar os esquadrões que tinha de reserva para atacar de flanco e deter aquela formidável carga, que iria esmagar sua ala direita. O barão de Triunfo, porém, sem perder o impulso da carga, ordenou à brigada Vasco Alves que detivesse a cavalaria contrária, fazendo um quarto de conversão à direita para atacá-la de frente, enquanto ele caía como uma avalanche sobre os quadrados que se mantinham flanqueados na planície⁵⁶.

| O choque foi medonho: nada pode resistir ao embate destes 2.500 cavalo | S, |
|--|----|
| cujos cavaleiros acutilavam por todos os lados a infantaria desordenada e se | m |
| formatura. | |

⁵⁶ Só conhecemos na carga semelhante a esta, a que foi dada pelo general Kellermann na batalha de Marengo contra os granadeiros austríacos emboscados na aldeia de Casal-Cerriolo para cortar a retirada do exército francês.

Na planície, coberta de cadáveres, de fugitivos, de longas filas de carros de bagagem, de carretas quebradas, de canhões desmontados, de destroços de todo o gênero, mantinha-se valentemente em quadrado o 40° de linha, pertencente à divisão da guarda do marechal Lopez e que se retirava lentamente na direção de Vileta, cercado por todos os lados. De quando em quando, o heroico batalhão fazia alto para resistir às cargas violentas dadas pelos regimentos isolados que operavam acidentalmente na perseguição do inimigo, debandando em todas as direções.

Cambrone revivia em Caballero, que conduzia em pessoa esse quadrado: era a honra militar do exército paraguaio salva pelas baionetas do 40º de linha.

O barão do Triunfo, chegando ao lugar da pugna, ordenou por esquadrões os lanceiros da brigada Niederauer Sobrinho e os fez carregar simultaneamente contra as quatro faces do 40°.

As primeiras cargas foram repelidas pelo cerrado fogo inimigo: os esquadrões retiravam-se à esquerda e à direita para carregarem de novo e o 40° resistia valentemente, envolvido pela nuvem de lanceiros, que redemoinhavam por todos os lados. O general impaciente colocou-se em pessoa à frente de três esquadrões e carregou com vigor sobre uma das faces do quadrado, abrindo violentamente uma brecha naquele muro de baionetas, que ondulava a planície, resistindo heroicamente. O batalhão perdeu então a formatura, dispersaram-se os esquadrões e um duelo de morte travou-se entre os lanceiros da 3ª brigada e os infantes do 40°.

Naquele medonho fragor, em que só se ouvia o retintim das armas dominando a gritaria daquela massa confusa de homens e cavalos, que se enovelavam, atropelando-se, acutilando-se vertiginosamente em furibunda luta, caiu até o último soldado da guarda do marechal Lopez, sem que um só aceitasse a vida oferecida pelo inimigo vitorioso.

José Arthur Montenegro (Rio Grande)

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Outro anuário com o qual Arthur Montenegro colaborou foi o *Almanaque* popular brasileiro, editado em Pelotas, entre 1894 e 1908. Na primeira edição, a redação afirmava que intentara vencer as dificuldades inerentes a todas as empresas em seu começo, buscando desempenhar aquele espinhoso encargo, e pretendendo constituir um simples ensaio em meio às publicações daquele gênero. Tal periódico visava a levar ao público uma ampliada parte de informações e uma mais variada parte recreativa⁵⁷. Gravuras, textos em prosa e poesia, dados generalizados, jogos, recreações e entretenimentos faziam parte do conteúdo dessa folha.

⁵⁷ ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO. Pelotas: Livraria Universal, 1893. p. 3.



Com desenvolvido segmento voltado a colaborações de natureza científica e literária, o *Almanaque popular brasileiro* foi espaço fecundo para os artigos de José Arthur Montenegro, que neles abordou temas voltados à sua predileção pela Guerra da Tríplice Aliança, mas também acerca de outros assuntos, como um conflito bélico entre países sul-americanos. Esses textos foram: "Campanha de Mato Grosso: assalto e tomada do entrincheiramento de Baiende"⁵⁸, "Batalha Naval de Iquique"⁵⁹, "Combate de Chipana"⁶⁰, "Audácia e valor"⁶¹, "O gênio inventivo de Lopez"⁶², "Valor indomável"⁶³, "O major Bento Luiz da Gama"⁶⁴ e "A morte de um bravo"⁶⁵.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

⁵⁸ MONTENEGRO, José Arthur. Campanha de Mato Grosso: assalto e tomada do entrincheiramento de Baiende. In: *Almanaque popular brasileiro para o ano de 1894*. Rio Grande: Livraria Universal, 1893. p. 90-93.

⁵⁹ MONTENEGRO, José Arthur. Batalha Naval de Iquique. In: *Almanaque popular brasileiro para o ano de 1895*. Pelotas: Livraria Universal, 1894. p. 153-159.

⁶⁰ MONTENEGRO, José Arthur. Combate de Chipana. In: *Almanaque popular brasileiro para o ano de 1896*. Pelotas: Livraria Universal, 1895. p. 228-229.

⁶¹ MONTENEGRO, José Arthur. Audácia e valor. In: *Almanaque popular brasileiro para o ano de 1898*. Pelotas: Livraria Universal, 1897. p. 159-161.

⁶² MONTENEGRO, José Arthur. O gênio inventivo de Lopez. In: *Almanaque popular brasileiro para o ano de 1898*. Pelotas: Livraria Universal, 1897. p. 276-277.

⁶³ MONTENEGRO, José Arthur. Valor indomável. In: *Almanaque popular brasileiro para o ano de 1899*. Pelotas: Livraria Universal, 1898. p. 221-223.

⁶⁴ MONTENEGRO, José Arthur. O major Bento Luiz da Gama. In: *Almanaque popular brasileiro para o ano de 1900.* Pelotas: Livraria Universal, 1899. p. 187-189.

⁶⁵ MONTENEGRO, José Arthur. A morte de um bravo. In: *Almanaque popular brasileiro para o ano de 1901*. Pelotas: Livraria Universal, 1900. p. 137-40

COMBATE DE CHIPANA: 13 de abril de 1879 (Excerto da *História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana*) – inédita⁶⁶

Estabelecido o bloqueio de Iquique, porto de grande importância comercial, onde o Peru colhia renda fabulosa no imposto sobre o nitrato de soda, o general Prado resolveu enviar as corvetas *Union* e *Pilcomayo* para operar na linha de comunicações da esquadra chilena entre Antofagasta, onde se organizava o exército, e Iquique, que era a base ocidental das operações navais da divisão Rebolledo.

A missão das corvetas era aprisionar os transportes e navios do comércio do Chile, hostilizar essa parte do litoral e procurar a tudo custo atrair para o S. a atenção do contra-almirante Willians Rebolledo, que se preparava para atacar a praça de Arica, operação essa que, muito prejudicando os interesses da aliança, convinha evitar a todo transe: o êxito da expedição estava previamente assegurado pela marcha superior das duas corvetas e competência de seu comandante, capitão de fragata Garcia y Garcia, incontestavelmente o mais ousado oficial da marinha peruana.

A 7 de abril largavam de Callao para o S. os dois velozes navios, cujos movimentos ulteriores deviam assegurar a execução do plano da campanha naval que iniciavam.

* *

⁶⁶ MONTENEGRO, José Arthur. Combate de Chipana. In: *Almanaque popular brasileiro para 1896*. Rio Grande: Livraria Universal, 1895. p. 228-229.

O comandante em chefe do exército chileno, estacionado em Antofagasta, tendo denúncia das operações que iam ser tentadas pelas forças navais do Peru, deliberou avisar o contra-almirante Willians Rebolledo, a fim de este não afastar de Iquique os navios couraçados que, em obediência ao plano adotado, deviam operar no N., deixando no bloqueio somente os de madeira, único meio de contrabater o golpe habilmente preparado no campo aliado.

A canhoneira *Magallanes*, no comando do capitão de fragata J. J. Latorre, teve ordem de aparelhar com urgência para levar esse aviso e a 11 de abril saiu de Antofagasta para Iquique, levando a missão de reconhecer a baía de Huanillos, onde já se suspeitava a presença de navios peruanos.

* *

Às 10 horas da manhã do dia 12, no momento em que a *Magallanes* reconhecia o farol de Huanillos, os vigias das gáveas deram parte de avistar-se ao NE. dois vapores suspeitos que em linha de escarpa navegavam a todo vapor no rumo do S.

Pouco depois (10:30), eram reconhecidas as corvetas Pilcomayo e Union.

Latorre, que conhecia a inferioridade de seu velho navio ante o poder ofensivo das corvetas peruanas, continuou ousadamente a sua derrota para o N., fazendo-se ao largo para ganhar distância suficiente a sustentar combate em retirada, preferindo arrostar a sorte das armas a regressar a Antofagasta sem

cumprir a comissão de que estava encarregado, da qual dependia o êxito das operações iniciadas pelo seu almirante.

Como medida de precaução, reuniu a oficialidade do navio e em sua presença leu os ofícios de que era portador, a fim de ficar na memória de todos o seu conteúdo para ser relatado ao almirante por aquele que sobrevivesse no caso de luta; finda essa formalidade, os documentos foram destruídos e lançados ao mar.

Às 11 horas, enfrentaram-se os três navios, mas a *Magallanes*, em resultado de sua marcha oblíqua para o NO., estava muito ao largo, ganhando com aquela manobra cerca de cinco milhas de distância, no momento em que a *Pilcomayo* e a *Union* viravam de bordo e davam começo à perseguição.

Meia hora depois, a *Pilcomayo*, separada 3.500 metros pela aleta de bombordo da *Magallanes*, rompia o fogo logrando acertar-lhe uma granada, apesar da distância, e a *Union*, graças à extraordinária potência de suas máquinas, colocava-se em pouco tempo a 2.300 metros pela aleta de boreste, abrindo vivo fogo com a sua bateria de bombordo.

Perigosa a situação de Latorre.

A *Magallanes*, forçando a máquina tanto quanto permitia o mau estado de suas caldeiras, rompeu o fogo sobre a *Union* com o canhão de popa, aventurandose a consideráveis guinadas a boreste para dar campo de tiro ao rodízio de 115, colocado a meia nau, permitindo que a sua veloz contendora estreitasse cada vez mais a distância que as separava.

Essa perseguição durou cerca de uma hora, sem que a canhoneira chilena recebesse avarias de consideração.

Repentinamente, a *Union* cessou o fogo e virou no bordo de terra, indo reunir-se à *Pilcomayo*, que não conseguira encurtar a distância, notando-se da canhoneira chilena que deixava escapar pela chaminé de descarga grande quantidade de vapor, fazendo supor grossa avaria nas caldeiras.

Efetivamente, uma bomba de 115 do rodízio da *Magallanes* acertara na casa de máquinas, produzindo avarias tão sérias que a *Union* viu-se obrigada a desistir da caça, deixando escapar uma presa da maior importância para as operações navais que iam executar-se, em consequência da comissão de que era portadora a canhoneira chilena.

Rio Grande - 1895.

J. Arthur Montenegro

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

No curto período em que Arthur Montenegro voltou a residir em sua terra natal, não deixou de colaborar com as publicações locais, como no caso daquelas de circulação anual. Uma delas foi a *Revista da Academia Cearense*, instituição na qual o escritor figurava no quadro de sócios. Criado em 1896, um ano após o ingresso de Montenegro, o periódico expressava os intuitos da entidade cultural, como o de promover o exame de doutrinas ou questões literárias e científicas; acompanhar o movimento intelectual dos povos cultos; aprimorar as condições

da instrução; e fomentar o gosto artístico e literário. A instituição intentava possuir uma ampla abrangência quanto às áreas do conhecimento, como ficava expresso nas denominações de suas várias comissões: ciências matemáticas e físicas; ciências biológicas (higiene, medicina e farmácia); ciências sociológicas (direito, antropologia, filologia, economia política, estatística, demografia, geografia, história, instrução pública e profissional, literatura e artes) e ciências em geral (filosofia e história das ciências)⁶⁷.

Com tamanha amplitude de enfoques, a *Revista da Academia Cearense* foi ideal para a profícua produção de Montenegro. Assim, mesmo que sua estada em Fortaleza tenha sido breve, ele não perdeu a oportunidade de colaborar com a publicação, levando às suas páginas textos de natureza histórico-biográfica, sem deixar de lado sua verdadeira vocação, voltada ao estudo da Guerra do Paraguai: "O marguês de Tamandaré" A morte de um bravo" e "Visconde de Taunay".

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

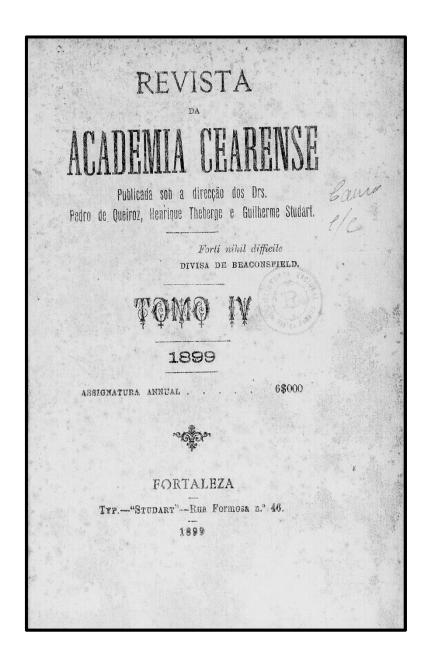
_

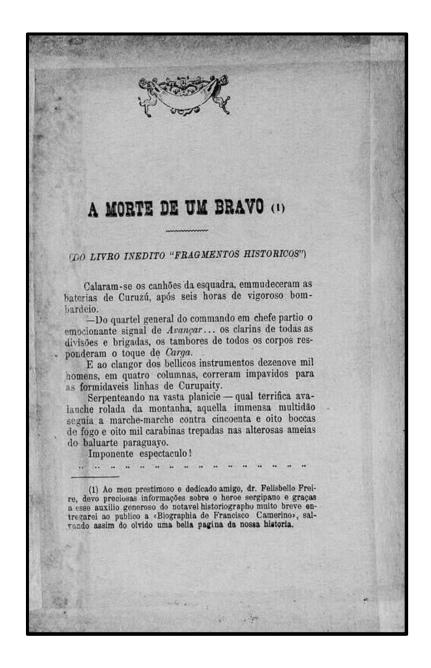
⁶⁷ REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896, a. 1, fascículo 1, p. i-vi.

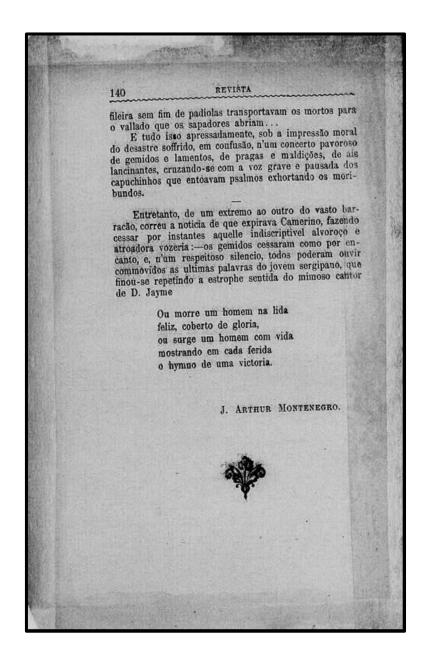
⁶⁸ MONTENEGRO, José Arthur. O marquês de Tamandaré. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1897, t. 2, p. 181-188.

⁶⁹ MONTENEGRO, José Arthur. A morte de um bravo. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1898, t. 3, p. 135-140.

⁷⁰ MONTENEGRO, José Arthur. Visconde de Taunay. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1899, t. 4, p. 123-134.







A MORTE DE UM BRAVO⁷¹ (Do livro inédito *Fragmentos históricos*)⁷²

Calaram-se os canhões da esquadra, emudeceram as baterias de Curuzu, após seis horas de vigoroso bombardeio.

– Do quartel general do comando em chefe partiu o emocionante sinal de *Avançar...* os clarins de todas as divisões de brigadas, os tambores de todos os corpos responderam o toque de *Carga*.

E ao clangor dos bélicos instrumentos dezenove mil homens, em quatro colunas, correram impávidos para as formidáveis linhas de Curupaiti.

Serpenteando na vasta planície – qual terrífica avalanche rolada da montanha, aquela imensa multidão seguia a marche-marche contra cinquenta e oito bocas de fogo e oito mil carabinas trepadas nas alterosas ameias do baluarte paraguaio.

| | | I | m | r | C | r | 16 | ?I | 1 | te | 5 | e | S | p | е | t | á | C | ;ι | 1] | C |)! | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|--|---|---|---|---|---|----|----|---|----|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|---|----|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

⁷¹ Ao meu prestimoso amigo, Dr. Felisbelo Freire, devo preciosas informações sobre o herói sergipano e graças a esse auxílio generoso do notável historiógrafo muito em breve entregarei ao público a "Biografia de Francisco Camerino", salvando assim do olvido uma bela página da nossa história.

⁷² MONTENEGRO, José Arthur. A morte de um bravo. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1898, t. 3, p. 135-140.

Súbito, um relâmpago correu na crista do entrincheiramento inimigo; esbranquiçada fita de fumo desdobrou-se célere por sobre aquele dorso gigantesco, seguindo-se medonho estampido, que reboou lugubremente nas selvas do Grão-Chaco, qual trovão ciclópico nas convulsões dantescas de uma tempestade infernal. E uma abóboda de granadas, assoviando sinistramente no espaço escuro de fumo e pó, saudou os aliados que avançavam a passo de carga, deixando na planície uma esteira sangrenta de cadáveres despedaçados.

Cerrou o fogo: às descargas de fuzilaria seguiam-se as descargas dos canhões sem o intervalo de um instante e aquele contínuo estrugir de obuses, casando-se com as explosões das bombas, semelhava o rufo pavoroso de imenso e descomunal tambor.

– Em ondas alterosas rebentavam as águas do rio, açoitadas violentamente pela expansão prodigiosa daquela atmosfera revolta.

| | | |
|------|------|--|
| | | |

Tremia a terra em vibrações estranhas.

O primeiro entrincheiramento paraguaio foi tomado sem um tiro, a coice de armas, à baioneta, no violento empuxo do primeiro arranco.

Mas... quinhentos metros atrás do primeiro corria o segundo entrincheiramento, mais alteroso, mais formidável, mais difícil para o assalto.

– Tríplice linha de obuses, precedendo vinte e quatro ordens de bocas de lobo na frente de largo e profundo fosso, estendiam-se ao pé da escarpa de alterosa muralha com trinta e três palmos de elevação. Quatro redutos salientes cruzavam fogos mergulhantes com a cortina em ziguezague, que unia as selvas impenetráveis da Lagoa Pires à barranca abrupta do Rio Paraguai.

Contra esse colosso de argila, coroado de canhões e carabinas que vomitavam milhões de projeteis, avançaram a peito descoberto, armas suspensas, bandeiras desfraldadas, cinquenta e dois batalhões de infantaria. E ao aspecto imponente dessa carga sem exemplo nas Américas, a guarnição paraguaia deu meia volta e fugiu...

O paul, os abatises, as bocas de lobo, os fossos, o talude íngreme da trincheira, a fuzilaria, a metralha – tudo isso deteve por instantes aquela massa confusa de homens, que avançava sempre. Quarenta brasileiros pertencentes à coluna da extrema esquerda, os mais ágeis e resolutos, já estavam dentro da fortaleza paraguaia...

| – Um último esforço, vinte minutos mais naquele inferno de lodo e sangu | ιe |
|---|----|
| e a mais estrondosa vitória assinalaria a queda imediata do famoso quadrilátero | 0 |
| | |
| | • |

O sinal de *Retirada* partiu do quartel-general argentino.

– Trezentas cornetas repetiram aquelas notas sentidas que ecoaram no espaço como um pio agourento de funesto presságio...

Os paraguaios animados por esse toque sinistro, reforçados com as reservas, voaram às trincheiras e cobriram a planície com uma chuva de granadas.

Começou a matança!...

Os aliados deram as costas ao inimigo e à metralha na contra-escarpa dos fossos; e, lentamente, apanhando os feridos, que às centenas revolviam-se no campo, recuaram para Curuzu.

A retirada a princípio operou-se em ordem, sem precipitação, por divisões e brigadas, apesar do granizo de metralha que impiedosamente açoitava os cansados batalhões/; mas pouco depois o 11º de voluntários, que fechava a cauda da coluna, atropelando os corpos da frente, como mais exposto à metralha, introduziu a desordem na brigada Silva Paranhos: gritos subversivos provocados pela ignorância do que se passava na retaguarda estabeleceram o pânico na coluna do centro...

Então se afrouxaram os laços de disciplina e o exército, perdendo a formatura, enovelando-se num bolo imenso, ondulou na planície sob um vulcão de ferro e fogo.

– Debalde os chefes, revólver em punho, procuraram deter a onda... debalde Astrogildo estendera a sua brigada na orla da mata e a tiros de fuzil e a coto de lança tentava restabelecer a ordem; debalde Porto Alegre percorria o campo desafiando a morte...

| Α | onda | rola | va : | sempre | com a | impet | tuosidad | le irresistív | rel d | o desespe | ero, |
|--------------|------|-------|------|---------|--------|-------|----------|---------------|-------|-----------|------|
| ando ibun | | quela | neo | crópole | imensa | uma | esteira | sangrenta | de | cadáveres | s e |
| | | | | | | | | | | | |

Quando o 8º de voluntário sergipanos transpunha vitorioso o primeiro entrincheiramento, a explosão de uma granada no flanco da primeira companhia derrubou dezoito homens.

- De bruços, coberto de sangue, também caiu Francisco Camerino, o *Livre Caçador*, o ídolo querido da soldadesca do 2º corpo do exército.
- Transportado ao hospital de sangue, causou espanto aos próprios médicos o aspecto daquelas feridas sangrentas; as apófises espinhosas das vértebras dorsais e lombares ficaram de todo descobertas; por alguns pontos mais descarnados via-se o arfar dos pulmões...

Vivia ainda...

* *

Francisco Camerino nasceu na Estância, em Sergipe, a 21 de agosto de 1841.

Poeta distinto, imaginação de fogo, patriota exaltado, sentiu fundo a afronta paraguaia e, tomando lugar entre os primeiros cidadãos que se gruparam em torno do pendão nacional, correu à fronteira com esses abnegados heróis, *hoje olvidados pela geração moderna*, que a inspiração do gabinete Furtado chamou *Voluntários da Pátria*.

Exemplo único nos anais da porfiada campanha – não se alistou em corpo algum; cumpriu alevantado dever cívico, sem entregar os pulsos à pesada cadeia disciplinar.

... "não porque a mochila me possa nodoar, dizia ele, mas porque foi ali que compreendi e conheci em meu gênio um *que* impossível de suportar o rigor da disciplina; também vi que podia ser útil ao país e prestar à minha nação serviço ao meu alcance sem a dependência do Estado"⁷³.

Nada percebia dos cofres públicos: os alimentos e a própria munição que gastava nos combates adquiria com os recursos próprios de sua modesta bolsa.

Armado de magnífica carabina, atirando com rara perícia, entrava em fogo na frente do 8º de voluntários, entusiasmando a soldadesca com o exemplo e com a palavra inspirada do gênio.

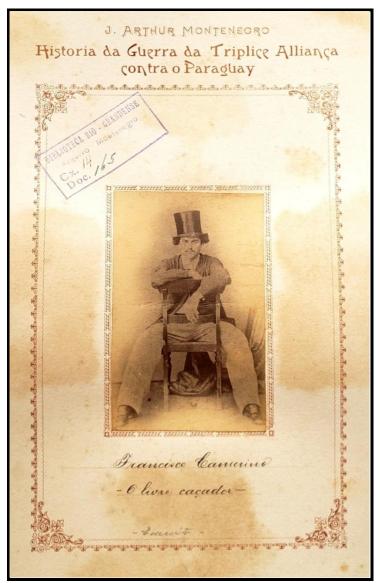
Ao lado daquele moço de 23 anos, imberbe quase, figura extremamente bela, simpática, insinuante, que se batia com valor admirável, que afrontava os perigos com estoica abnegação, os fracos criavam brio, os covardes retemperavam-se, dando razão ao poeta:

Medo tem toda a gente.

Saber disfarçar é ser valente.

86

⁷³ Carta dirigida ao irmão em 28 de agosto de 1866.



– retrato de Francisco Camerino colecionado no Arquivo Montenegro –

Horrível espetáculo no hospital de sangue!

Sangue por toda a parte; membros humanos, pernas e braços em repugnantes pilhas, misturavam-se numa amálgama horrível com os corpos mutilados, que saíam sem vida do banco das amputações.

Os médicos, os ajudantes, os enfermeiros, braços arregaçados, suarentos, ensanguentados, multiplicando-se em nobre esforço para atender aos feridos que entravam à formiga, às centenas, aos milhares⁷⁴, carregados em padiolas, em macas, sobre varas, nos capotes, sobre carabinas cruzadas, nos braços dos amigos, não poucos pais às costas dos filhos, as próprias mulheres conduzindo os maridos, numa procissão lúgubre, comovedora, interminável — enquanto do extremo oposto da extensa armada, fileira sem fim de padiolas transportavam os mortos para o valado que os sapadores abriam...

E tudo isso apressadamente, sob a impressão moral do desastre sofrido, em confusão, num concerto pavoroso de gemidos e lamentos, de pragas e maldições, de ais lancinantes, cruzando-se com a voz grave e pausada dos capuchinhos que entoavam salmos exortando os moribundos.

Entretanto, de um extremo ao outro do vasto barração, correu a notícia de que expirava Camerino, fazendo cessar por instantes aquele indescritível alvoroço e atroadora vozeria: — os gemidos cessaram como por encanto, e, num

Neste hospital receberam os primeiros curativos 2.550 feridos (1.343 brasileiros, 1.207 argentinos) que em seguida foram transportados pela esquadra para os hospitais de Corrientes.

respeitoso silêncio, todos puderam ouvir comovidos as últimas palavras do jovem sergipano, que se finou repetindo a estrofe sentida do mimoso cantor de D. Jaime

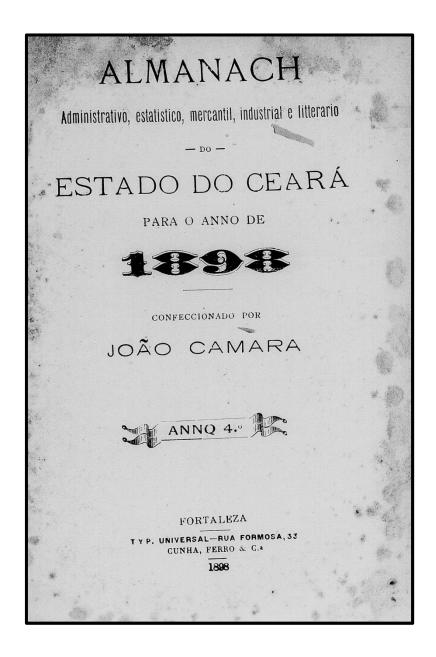
Ou morre um homem na lida feliz, coberto de glória, ou surge um homem com vida mostrando em cada ferida o hino de uma vitória.

J. Arthur Montenegro

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Ainda em Fortaleza, J. Arthur Montenegro colaborou com o *Almanaque administrativo, estatístico, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará.* Editado desde 1895, como bem demonstrava seu título, o anuário tinha uma proposta de abrangência bastante ampla. Além das questões oficiais, administrativas e comerciais, dedicava-se à divulgação de estudos literários e culturais, como foi o caso do artigo "Audácia e valor" que Montenegro apresentou na edição para o ano de 1898.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$



AUDÁCIA E VALOR (Do livro inédito Fragmentos históricos)75

Esplêndida a manhã de 20 de fevereiro de 1859.

Garbosa corveta, proa ao N., veleja mar em fora, singrando rápida as alturas da Ilha Grande.

Gáveas e papa-figos, enfumados pela fresca brisa de NNE., imprimem oito nós ao formoso barco, cujo talha-mar corta altaneiro aqueles mares de esmeralda, com a poética majestade do branco e saudoso alcione.

No horizonte nenhuma vela suspeita.

Nenhum navio negreiro cruza nessas paragens vigiadas pela veleira *Campista*, mandada pelo jovem Mariz e Barros – o terror desses piratas de carne humana, miseráveis algozes de uma raça infeliz⁷⁶.

O vigia das gáveas assinala uma vela a E.

Imediatamente Mariz e Barros ocupa a ponte, cada qual guarda o seu posto e a corveta – ligeira gaivota deslizando a flor das ondas – manobra no sentido de reconhecer o navio que aparece ao longe.

⁷⁵ MONTENEGRO, José Arthur. Audácia e valor. In: *Almanaque administrativo, estatístico, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará para o ano de 1898.* Fortaleza: Tipografia Universal, 1898. p. 137-139.

⁷⁶ A maior parte dos nossos vasos de guerra e todos os navios da estação naval da Inglaterra, no Atlântico meridional, cruzavam então nas costas brasileiras, perseguindo os navios empregados no tráfico de africanos, esse comércio odioso que a Lei de 7 de novembro de 1831 abolira sob penas rigorosas.

Eram oito horas da manhã.

Às dez estava à vista um lugar desconhecido, navegando a todo pano.

Conformação e pintura do casco, disposição do aparelho, rapidez de manobra denunciando essa precisão técnica peculiar aos corsários – tudo induzia crer estar ao alcance dos telescópios um navio negreiro desconhecido nos mares do Brasil.

Mariz e Barros manda içar a flâmula e a bandeira; um tiro de canhão firma a intimação de *chegar à fala*.

O navio suspeito, porém, continua impassível a sua derrota...

Segundo e terceiro tiro da Campista.

Nada! O pirata faz-se ao largo, aumentando o pano.

Impaciente, tremendo de raiva ante a expectativa de perder a presa, Mariz e Barros grita à equipagem: – *Larga tudo! Fora cutelos e varredouras...*

E a corveta, obedecendo aos intuitos do fogoso comandante e da árdida guarnição, atira-se veloz sobre a crista espumante das vagas, encurtando precipite o espaço que a separa do misterioso barco que veleja no bordo do mar.

No convés brasileiro prepara-se tudo para o combate: guarnição a postos só esperam o sinal do chefe, pelo apito do guardião para fulminar o barco negreiro que parecia zombar da pequena corveta, mostrando seis largas portinholas e a boca escura de outras tantas caronadas...

Duas milhas apenas separavam os contendores.

Então, do passadiço da *Campista*, vê-se a olho nu alteroso navio armado em guerra, guarnecido de numeroso pessoal... mas, a *Campista* avança sempre!

Súbito amaina o vento!

O pano, momentos antes entesado pelo fresco terral, bate agora ao compasso do balanço, ao som plangente dos gemidos das retrancas em sua eterna luta com as escotas.

A raiva apodera-se de todos!

Do comandante ao último grumete, apodera-se o furor do despeito, a ira da impotência, o desejo agora de lutar a todo transe...

- Escaleres ao mar e à abordagem!... ordena o moço comandante.

Soa o apito, gemem as talhas nos cadernais e num abrir e fechar de olhos dois terços dos homens da *Campista* – vinte e oito bravos – guarnecem dois escaleres.

Vinte e dois remos fendem as águas e à vaga larga, quais velozes cetáceos, voam os barcos ao encontro do navio pirata, que nesse momento, percebendo a manobra dos brasileiros, parou, atravessando...

À meia amarra do navio suspeito, Mariz e Barros manda levar remos.

De pé, no castelo do primeiro escaler, espada em punho, prestes a ensinar aos seus homens o caminho da luta, grita:

| \boldsymbol{A} | abo | ord | age | em | !! | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|------------------|-----|-----|-----|----|----|------|------|--------|----|------|--------|----|----|------|------|--------|--|--------|------|----|------|------|--|
| | | | | | ٠. | | | ٠. | ٠. | | | ٠. | | | | ٠. | | ٠. | | ٠. | | | |
| | | | | | ٠. | | | ٠. | | | ٠. | | ٠. | | | ٠. | | | | ٠. | | | |

Então viu-se uma cena indescritível, digna dos heróis de Plutarco.

O comandante contrário, rodeado de seus oficiais, no passadiço do *Beacon*, levanta a voz firme e sonora:

Hurrah!... Hurrah!... responde a maruja, trepando as vergas, ao mesmo tempo que ao penol da fragata era levantado o pavilhão de guerra da orgulhosa Albion!...

Ao som do pífaro e tambor, em marcha batida, ergue-se também ao tope grande do vaso britânico o pendão auriverde do Brasil; vinte tiros de peça saúdam aquele rasgo de heroísmo de um punhado de bravos.

O barco suspeito era a fragata inglesa *Beacon*, chegada há pouco da Europa e que nessas alturas também cruzava perseguindo os navios negreiros.

Seu comandante, comodoro E. Parsons, vira a galhardia do jovem chefe brasileiro e, admirado da sua resolução de tomar de abordagem, com duas dúzias de homens, um vaso artilhado, deixara que ele se aproximasse para recebê-lo com essa tríplice saudação que os velhos marinheiros sabem tributar aos feitos de audácia e valor.

A rainha dos mares sagrava o herói brasileiro à sombra da mesma bandeira que tremulara vitoriosa em Trafalgar: Nelson fora o paraninfo, o oceano a imensa pia batismal para o jovem Mariz e Barros.

Ceará, setembro de 1897.

J. ARTHUR MONTENEGRO

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

O reconhecimento intelectual de Arthur Montenegro permitiu que ele escrevesse também para revistas no exterior. Foi o caso do *Album de la Guerra del Paraguay*. Tratava-se de uma publicação organizada sob os auspícios da Associação Guerreiros do Paraguai, a qual tinha por intento o de "colecionar em forma de galeria" material iconográfico sobre o conflito. Tal objetivo "essencialmente gráfico" não excluía a "comprovação documentada", nem os trabalhos dos colaboradores, quando eles tivessem "autoridade" nas matérias abordadas. Também seriam aceitos "trabalhos literários e científicos" relacionados com a guerra "dentro do vasto campo de sua ação", envolvendo "o episódio romanesco, a legenda popular", bem como "a relação do ato heroico e o comentário contemporâneo", o qual não viesse a comprometer "a versão histórica". Nesse sentido, as colunas do periódico ficavam abertas para "todos que

quisessem transmitir suas impressões", ou ainda impressões e testemunho a respeito do confronto bélico⁷⁷.

Montenegro era membro da Associação Guerreiros do Paraguai e chegou a receber homenagem do *Album* que estampou o seu retrato à primeira página⁷⁸. O periódico publicou os seguintes artigos do pesquisador brasileiro: "Una bala historica"⁷⁹, "El mariscal Floriano V. Peixoto"⁸⁰, "Campaña de Mato Grosso – toma de la Machorra"⁸¹, "El mariscal Victorino Jose Monteiro – baron de San Borja"⁸², "Campaña de Mato Grosso – toma del atrincheramiento de Bayende"⁸³ e "Fidelidad sublime – episódio de la Guerra del Paraguay"⁸⁴.

⁷⁷ ALBUM DE LA GUERRA DEL PARAGUAY. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1º fev. 1893, a. 1, entrega 1ª, p. 2.

⁷⁸ ALBUM DE LA GUERRA DEL PARAGUAY. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1896, tomo 2, entrega 42, p. 273.

⁷⁹ MONTENEGRO, José Artur. Una bala historica. In: *Album de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 40, p. 246-248.

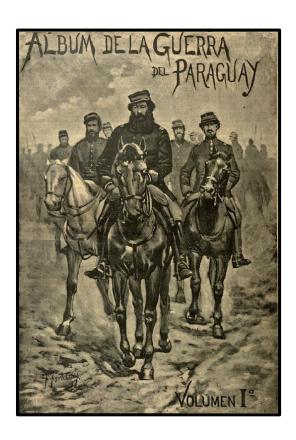
⁸⁰ MONTENEGRO, José Artur. El mariscal Floriano V. Peixoto. In: Album de la Guerra del Paraguay. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 40, p. 248-252.

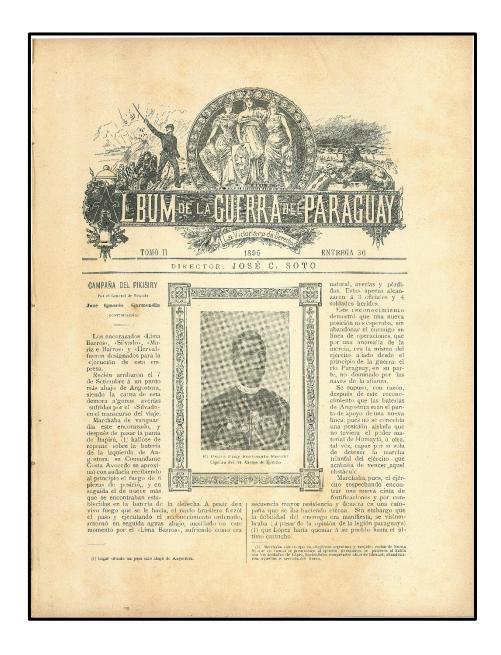
⁸¹ MONTENEGRO, José Artur. Campaña de Mato Grosso – toma de la Machorra. In: Album de la Guerra del Paraguay. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 41, p. 263-264.

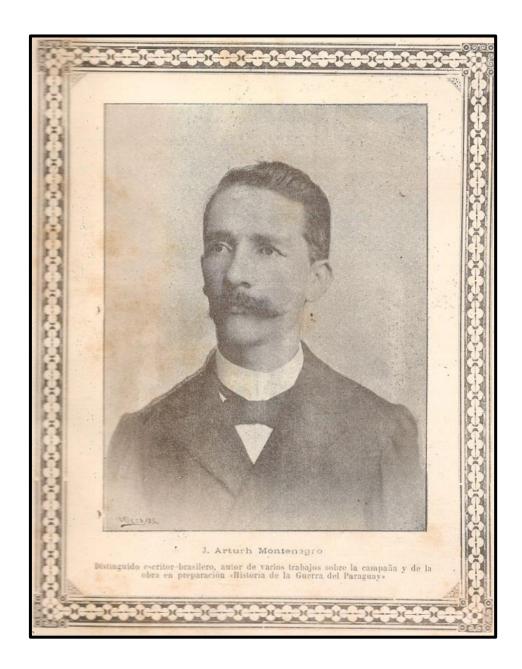
⁸² MONTENEGRO, José Artur. El mariscal Victorino Jose Monteiro – baron de San Borja. In: Album de la Guerra del Paraguay. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 41, p. 266-268.

⁸³ MONTENEGRO, José Artur. Campaña de Mato Grosso – toma del atrincheramiento de Bayende. In: *Album de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1896, tomo 2, entrega 42, p. 281-283.

⁸⁴ MONTENEGRO, José Artur. Fidelidad sublime – episódio de la Guerra del Paraguay. In: *Album de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1896, tomo 2, entrega 45, p. 326-328.







defendian, que habían sido llevados ya por las reser-

defendian, que hablan sido llevados ya por las reservas brasileres, mientras sus columnas de tataque penetaban al recinto. Solamente quedó, a causa de su peso, el Wirtworth de 32, y 3 piezas más.
Sieudo ya las 6 de la tarde, se tocó retirada y los brasileros se timitaron à ocupar un punto aproximado à la línea paraguaya, de donde continuaron tenazmente el fuego, que un fer respondido por los paraguayos durante toda la noche de este día y la mañana siguiente en medio de una esposa y tranquila lluvia, que en vano tratara de aplacar tanto furor inotil.

Esta lustafa fini brerdida nor mestros aliados nos falta.

medio de una espessa y tranquita llavia, que en vano-tratara de aplacar tanto furor indui.

Esta batalia fué perdida por nuestros aliados por falta da refuerzos oportunos, y por la ignorancia del go-neral en fefe, respecto à la verdadera situación det altimo monienta de la acción. Dueño y a del campo sin-dificialmente de la acción. Dueño y adel campo sin-cialmente de la composición de la composición de el cettos. Apparente de la composición de la composición de el resiguardad, aplación de la composición de la composición de resiguardad en la composición de la composición de la valerosa carga del corone Rivarola, cra hombro per-dido aquel día y la guerra hubiera concluido allí. Rechazo fue cate que debió herie comemente de la mor propio del vicerrioso de Avaly; su proclama del 21 se había evaporado chire el liguiros fumos de lini-simo día: de ces rechazo sangriento al que con una candidez admirable en documentos oficiales se le llama reconsemiento.

(Continuerd).

(Continuarà)

COLABORACIÓN BRASILERA

Deade el presente número empezaremos à publicar una série de biografías de guerreros del Paraguay, que han ilustado su nombre en el ejercito brasilero, personajes qua en su mayor parte han figurado más tarde en la política de su país, mientras que algunos otros rindieron el tributo de su vida en aquella guerra gigantesca que sostuvieron las naciones de la alianza centra la sombria tiranía del Mariscal López. Estas trabajos son debidos à ja fituarda colaboratora de la companio del la companio de la companio de la companio de la companio de la companio del la companio de la companio del la companio

Tas el Sr. Montenegro un escritor de estito facil y gano, y un nurrodor sercillo y conciso cuya produce de la compania del compania de la compania de la compania del compania de la compania del la compania del la compania de la compania de la compania de la compania de la compania del la compania d

Muestros leclores juzgarán de la importancia de la adquisición por los dos trabajos que debidos á su pluma publicamos en el presente número.

Hé aquí algunos párrafos de la carta con que los

acompaña:
«Me anticipo á dirigiros ésta, para énviaros confortue à vuestras órdenes mi debil y pobre colaboración para vuestro lan importante «Album». Bien sabeis reuan árido es el trabajo hiográfico, razón por la cual os pido disculpeis la incorrección del estilo ya de

por si tan sin mérito. Temiendo ser demasiado es por si tan sin merito. Temiendo ser demassado es-tenso, para no ecupar mucho espacio, casi me limi-taré a la enumeración cronológica de los hechos. Más adelante cuando me familiarice con la forma adoptada por el «Album», aumentaré ó disminuire las biografias que remita.

Con esta recibireis las biografias del Mariscal Ma-riono Elevino, Petron. Mariota Muricia Mariono Delivino, Petrono Mariota.

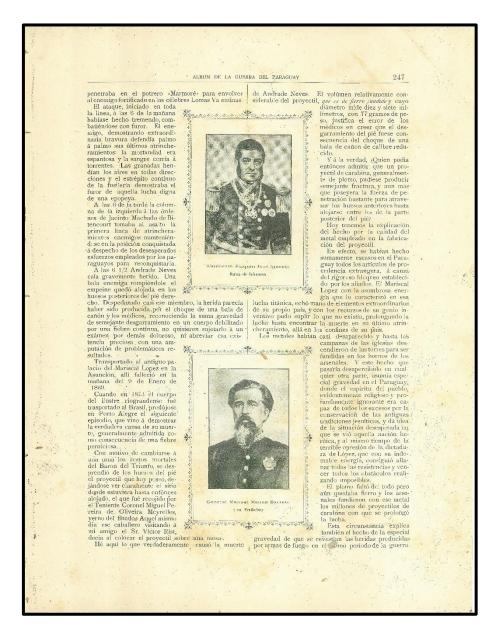
adoptada por el "Album", aumentaré o disminuire las biografías que remita.

Con esta recibireis las biografías del Mariscal Mariano Poixon, Mariscal Victorino Monteiro y Coronel Dr. José Carlos de Carbaiho, así como un recibirato Poixon. Pose Carlos de Carbaiho, así como un recibirato de la como de la como

UNA BALA HISTÓRICA

Existe en mi poder el proyectil que dió muerte al legendario Barrin del Trimfo, el Murat de la cabalteria brasilera. Y, como ese pedazo de mineral fundido al acaso, pri vase al Brasil de una de sus más frigurantes giorias haciendo care en la eternidad al bravo entre los bravos, mercee que detaliadamente recuerde su triste historia. Docrosos gennamientos acuden al espíritu, desperitando amargas reflexiones sobre la precaria contingencia de las cosas humanas, cuando en el silencio de mi gabinete contemplo esa mínima porción de hiero, de que es sirvió el destino para costumbrada à la ignea atmósfera de las batallas, cuyo nombre coronado con la aureola del valor indómito de los héroes, hacit emblar las masass enemigas que comhéroes, hacía temblar las masas enemigas que com-batía siempre vencedor.

A las tres de la madrugada del 21 de Diciembre de 1888, Andrade de Neves al frente de su división



ALBUM DE LA GUERRA DEL PARAGUAY

Los pesados proyectiles de hierro fundido debian perjudicar el alcance del tiro y destruir por el rocc las estrias de los fusiles, pero es ovidente que cada herida producida por semejante cuerpo causaba una

Este curioso documento fué encontrado en el bol sillo de un oficial paraguayo, probablemente del Es-tado Mayor de López, muerto en la toma del Sance el 21 de Marzo de 1868. Big Grande do Sul, Schembre de

J. Arthur Montenegro.

RL MARISCAL FLORIANO V. PRIXOTO

En la pintores-ca ciudad de Pioca, Estado de Alagoas vio la primera luz en 30 de Abril de 1839 el eminente, ciudadano llamado en vida F.o. riano Vicira Pei-

Revelando desde su juventud una rara inteligencia y una de-cidida afición á las ciencias exactas, su padre, el agricultor Manuel Viera de Araujo Peixoto, lleno de esperan-zas envióle à Rio sando en el Co-legio San Pedro de Alcantara, dirigido entónces por el célebre profesor en ciencias Padre José Mendes de Pai-

va. Su permanen-cia en dicho establecimiento, que preparó las inte-ligencias de tantos hombres emi-nentes, fué una série de triunfos,

un florón de glo ria académica para el futuro consolidador de las ins-

ria academica para el futuro consolidador de las instituciones democráticas de su Pátria.

Terminados los estudios preparatorios, salió del Colegio para consegrarse al servicio de las armas, aficiándose volunturiamente en las flas del t'de Artilleria de à pié el 1' de Mayo de 1857.

Empezo su gloriosa carrera por los puestos más inferiores, ascendiendo hornadamente, escudado sólo por el mérlio personal, y recorriendo toda la secala de la gerarquia militar.

Pué cado de escuadro en Agosto, furriel en Sctiembre y sargento esgundo en Octubre de 1861, desempetando el modesto puesto de ordenasca en el mismo edificio, donde 33 años después dirigió los destinos

La escasez de artículos de procedencia extran-jera, dió motivo para el desenvolvimiento del ge-nio inventivo de los paraguayos, que como decia-mos, lo suplieron sacando partido de todo.

248

El papel se hi-El paper se m-zo tan escaso, que los archivos de la República fueron despoja-dos, de todas las medias fojas blanco, separadas para el servicio de la secretaria de Mariscal Lo-

pelz. Se escojieron en todo el ejército los sargentos y oficiales subal-ternos que tenían. la letra más men da, y esta cuali-dad se hizo un titulo de recomendación para

mendación para el que la poseíat Mi particular amigo el General Cunha Junior po-sée un curioso documento que viene á compro-bar el estado de-sesperado á que llegó aquel país con la falta de las manufacturas

extranjeras.
Es un mapa de lasfortificaciones

de Curupayty, groseramente dibujado sobre papel de cigarrillos, cu-yas hojas habían sido cuidadosamente pegadas unas con otras hasta alcanzar el tamaño de un metro vein-

con otras hasta alcanzar el tamaño de un metro vein-teo por ochenta centimetros el dibujo es grosero pero perfectamente exacto en sus detalles, y representa el espacio comprendido en-tre la casa de López (Majorin) en Paso Pucch hasta las trincheras de Curapaity sobre el rio Paraguay. Los cantones de grueso calibre carán figurados non las contentes con tieta negra, Los bosques, las líneas de abatís etc. están figurados con lapiz azul. Las diver-sus levendas esolicativas están escritas à mano nero la sas leyendas esplicativas están escritas á mano pero la tinta está bastante desvanecida por la acción del tiempo.



Trofece conquistados por el Ejército Oriental y devueltos en 1884

UMA BALA HISTÓRICA85

Existe em meu poder o projétil que matou o legendário barão do Triunfo, o Murat da cavalaria brasileira.

E, como esse pedaço de minério fundido ao acaso privasse ao Brasil uma das suas mais fulgurantes glórias, fazendo cair na eternidade o *bravo dos bravos*, merece que detalhadamente se recorde sua triste história.

Dolorosos pensamentos acodem ao espírito, despertando amargas reflexões sobre a precária contingência das coisas humanas, quando, no silêncio do meu gabinete, contemplo essa mínima porção de ferro de que se serviu o destino para cortar a existência daquela personalidade gigante, acostumada à ígnea atmosfera das batalhas, cujo nome, coroado com a auréola do valor indômito dos heróis, fazia tremer as massas inimigas, que combatia sempre vencedor.

Às três da madrugada de 21 de dezembro de 1868, Andrade Neves à frente de sua divisão penetrava no Potreiro Marmoré, para envolver ao inimigo, fortificado nas célebres Lomas Valentinas.

O ataque iniciado em toda a linha, às 6 da manhã havia-se feito tremendo, combatendo-se com furor. O inimigo, demonstrando extraordinária bravura, defendia palmo a palmo seus últimos entrincheiramentos: a mortandade era

103

⁸⁵ MONTENEGRO, José Artur. Una bala historica. In: *Album de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 40, p. 246-248.

espantosa e o sangue escorria a torrentes. As granadas fendiam os ares em todas direções e o estrépito contínuo da fuzilaria demonstrava o furor daquela luta digna de uma epopeia.

Às 6 da tarde, a coluna da esquerda, às ordens de Jacinto Machado de Bitencourt tomava de assalto a primeira linha de entrincheiramentos inimigos, mantendo-se na posição conquistada, a despeito dos desesperados esforços empregados pelos paraguaios para reconquistá-la.

Às 6 ½, Andrade Neves caía gravemente ferido. Uma bala inimiga, quebrando-lhe o peito do pé, ficou alojada nos ossos posteriores do pé direito. Despedaçado quase esse membro, a ferida parecia haver sido produzida pelo choque de uma bala de canhão e os médicos, reconhecendo a suma gravidade de semelhante ferimento em um corpo debilitado por uma febre contínua, não quiseram sujeitá-lo a um exame por demais doloroso, nem abreviar essa existência preciosa com uma amputação de problemáticos resultados.

Transportado ao antigo palácio do marechal Lopez, em Assunção, ali faleceu na manhã de 9 de janeiro de 1869.

Quando em 1873 o corpo do ilustre rio-grandense foi transportado ao Brasil, produziu-se em Porto Alegre o seguinte episódio, que veio a demonstrar a verdadeira causa de sua morte, geralmente admitida como consequência de uma febre perniciosa.

Com motivo de transladar-se a uma urna os restos mortais do barão do Triunfo, se desprendeu dos ossos do pé o projétil que hoje possuo, deixando-se ver

claramente o lugar onde estivera até então alojado, vindo a ser recolhido pelo tenente coronel Miguel Pereira de Oliveira Meireles, genro do finado. Naquele mesmo dia, esse cavalheiro, visitando o meu amigo, o Sr. Victor Rist, disse ao colocar o projétil sobre uma mesa:

– Eis aqui o que verdadeiramente causou a morte de Andrade Neves. o volume relativamente considerável do projétil, *que é de ferro fundido* e cujo diâmetro mede dezessete milímetros, com 77 gramas de peso, justifica o erro dos médicos em crer que o esmagamento do pé fosse consequência do choque de uma bala de canhão de calibre reduzido.

E a verdade, quem podia então admitir que um projétil de carabina, geralmente de chumbo, pudesse produzir semelhante fratura, e ainda mais que tivesse força de penetração bastante para atravessar os ossos anteriores da parte posterior do pé?

Hoje temos a explicação do fato pela qualidade do metal empregado na fabricação do projétil.

Com efeito, se haviam feito sumamente escassos no Paraguai todos os artigos de procedência estrangeira, por causa do bloqueio estabelecido pelos aliados. O marechal Lopez, com a assombrosa energia que lhe caracterizou nessa luta titânica, lançou mão de elementos extraordinários de seu próprio país, e com os recursos de seu gênio inventivo pode suprir o que não existia, prolongando a luta até encontrar a morte em seu último entrincheiramento, lá nos confins de seu país.

Os metais haviam quase desaparecido e até os sinos das igrejas desceram das torres para ser fundidos nos fornos dos arsenais. E este fato, que passaria desapercebido em qualquer outra parte, assumia especial gravidade no Paraguai, de onde o espírito do povo, evidentemente religioso e profundamente ignorante era capaz de todos os excessos pela conservação das antigas tradições jesuíticas, e da ideia da situação desesperada em que se viu aquela nação heroica, e ao mesmo tempo da terrível opressão da ditadura de Lopez, que com sua indomável energia, conseguiu abafar todas as resistências e vencer todos os obstáculos realizando impossíveis.

O chumbo faltou de todo, porém ainda havia ferro e os arsenais fundiram com esse metal os milhões de projéteis de carabina com que se prolongou a luta.

Esta circunstância explica também o fato da especial gravidade de que se revestiam as feridas produzidas por armas de fogo no último período da guerra.

Os pesados projéteis de ferro fundido deviam prejudicar o alcance do tiro e destruir pelo atrito as estrias dos fuzis, porém, é evidente que cada ferida produzida por semelhante corpo causava uma morte segura.

A escassez de artigos de procedência estrangeira deu motivo para o desenvolvimento do gênio inventivo dos paraguaios, que, como dissemos, supriam-na tirando partido de tudo.

O papel se fez tão escasso, que os arquivos da República foram despojados de *todas as meias folhas em branco*, separadas para o serviço da secretaria do marechal Lopez.

Se escolheram em todo o exército os sargentos e oficiais subalternos que tinham a *letra mais miúda*, e esta qualidade se fez um título de recomendação para aquele que a possuía!

Meu particular amigo, o general Cunha Júnior possui um curioso documento que vem a comprovar o estado desesperado a que chegou aquele país com a falta das manufaturas estrangeiras.

É um mapa de fortificações de Curupaiti, grosseiramente desenhado sobre papel de cigarros, cujas folhas haviam sido cuidadosamente coladas umas com as outras até alcançar o tamanho de um metro e vinte por oitenta centímetros!

O desenho é grosseiro, porém perfeitamente exato em seus detalhes, e representa o espaço compreendido entre a casa de Lopez (*mayoria*) e Passo Pucú, até as trincheiras de Curupaiti sobre o Rio Paraguai.

Os canhões de grosso calibre estão figurados com lápis vermelho e as peças de campanha, assim como as fogueteiras com tinha preta. Os bosques, as linhas de abatises, etc. estão figurados com lápis azul. As diversas legendas explicativas estão escritas à mão, porém a tinta está bastante desvanecida pela ação do tempo.

Este curioso documento foi encontrado no bolso de um oficial paraguaio, provavelmente do estado-maior de Lopez, morto na tomada de Sauce, em 21 de março de 1868.

Rio Grande do Sul, setembro de 1895.

J. Arthur Montenegro

FOTOGRAFIAS DA GUERRA DO PARAGUAI

Em suas reflexões sobre a "memória" Jacques Le Goff assevera que a fotografia "revoluciona a memória: multiplica-a e revoluciona-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica"86.

Estes números da Coleção Documentos estão trabalhando com a reprodução de fragmentos, escritos e visuais, concernentes à Guerra do Paraguai. Ao disponibilizar publicamente os acervos, possibilita-se aos pesquisadores adentrar aos campos da memória discursiva e das memórias imagéticas dos combatentes e de personagens envolvidos neste conflito internacional.

Um elemento que realça ainda mais as cores da relevância histórica deste acervo de imagens, é que a guerra transcorre num período de intensa difusão (que a guerra ajuda a alimentar) da fotografia, a qual se notabilizava pela capacidade de *congelar* cenários, personagens, ou seja, paisagens e retratos. Este *congelar* se constituía em documento "fenotipicamente real" e também "afetivo" com sentidos - objetivos e subjetivos -, para aqueles contemporâneos que fariam uma leitura de seus componentes simbólicos. Muitas fotografias do Arquivo Montenegro remontam a 150-155 de anos, se convertendo no presente em objeto de pesquisa, exigindo leituras complexas de seus componentes. Diferente das afetividades e idiossincrasias do tempo em que transcorreram os eventos, para o pesquisador, as fotografias são um manancial de informações que contribuem

⁸⁶ LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Enciclopédia Einaud*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

para ampliar a compreensão de processos históricos: desde que analisadas em conjunto com uma multiplicidade de outras fontes.

Como já comentado no volume 19 desta Coleção, os novos processos e técnicas fotográficas, em especial o *carte de visite*, deu notável impulso à indústria fotográfica, ao desenvolvimento do ofício (*métier*) e a uma importante expansão da atividade. Com a popularização da fotografia o desejo de representação de uma ampla camada da sociedade se via satisfeito⁸⁷.

A maioria das fotografias do Arquivo Montenegro é constituída por *carte de visite* a qual, conforme Kossoy, é uma aplicação do colódio, um fluído viscoso e transparente, obtido pela dissolução de nitrato de celulose em álcool e éter e utilizado como emulsão para negativos sobre chapas de vidro e metal. A *carte de visite* alcançou enorme receptividade, dando origem à moda mais popular que a fotografia conheceu no século XIX. É uma fotografia copiada sobre papel albuminado e colada sobre cartão-suporte no formato de um cartão de visita⁸⁸.

A fotografia pode ser parte constituinte de narrativas de vida construídas em sequencias de imagens e em dedicatórias centenárias nelas registradas. Os registros da Guerra do Paraguai são uma exemplificação da relevância do registro visual, pois, um mortífero combate poderia ceifar vidas. Daí, muitas fotos foram realizadas em localidades próximas ao cenário bélico ou em acampamentos militares. Muitos registros fotográficos que fazem parte do Arquivo Montenegro

⁸⁷ KOSSOY, Boris. *Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro. Rio de Janeiro:* Instituto Moreira Salles, 2002, p. 34.

⁸⁸ KOSSOY, Dicionário... p. 33-34.

foram obtidos alguns meses ou poucos anos antes do falecimento do retratado. Os combates e as doenças que infestavam o insalubre *front* mataram centenas de milhares de militares dos diferentes países envolvidos.

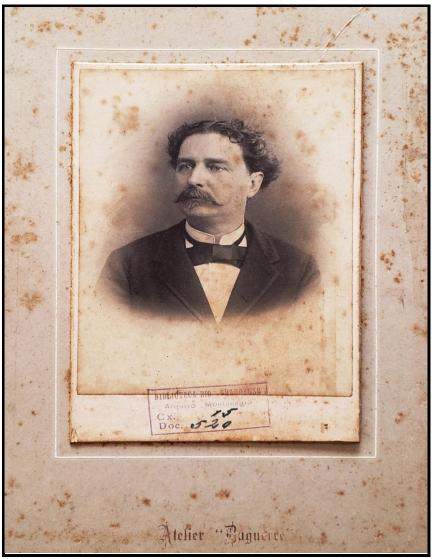
Esta preservação dos personagens envolvidos na guerra e de uma "imagem perpetuada da vida", que congrega materialidade do visível e imaterialidade das afetividades, faz parte da construção de processos técnicos possibilitados pelos conhecimentos científicos advindos da Revolução Industrial e inseridos na modernidade. Fotografia, iconografia, representação e magia são portais interpretativos contextualizados nas linguagens da modernidade em expansão:

"Inserida nas artes visuais sob o signo da modernidade, a fotografia, sabemos, causou, indiscutivelmente, o maior impacto na história das iconografias do século XIX, e provocou uma verdadeira revolução na questão da representação. O confronto entre o sujeito e o mundo, agora intermediado por uma prótese, estranha e revolucionária, propiciou um resultado imagético – a fotografia – que além de extraordinário potencial estético, trouxe uma possibilidade de propiciar o reencontro de diferentes homens em diferentes lugares e em diferentes tempos. Essa é a magia do encontro do homem, situado num tempo e num espaço, com a eclosão de uma técnica que promove a experiência com o inesperado". 89

A seguir são reproduzidas 103 fotografias nos formatos *cartes de visite*, c*abinet* e outros formatos diferenciados. São personagens militares e civis,

⁸⁹ FERNANDES JUNIOR, RUBENS & LAGO, Pedro Corrêa do. *O Século XIX na Fotografia Brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves/Fundação Armando Alvares Penteado, 2000, p.17.

homens e algumas mulheres, fotografias obtidas no contexto do conflito e outras posteriores à guerra e de caráter laudatório. São brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios, que foram retratados por estúdios fotográficos de diversas cidades destes países e por inúmeros e quase sempre anônimos fotógrafos ambulantes. São imagens organizadas a partir de uma confluência de esforços viabilizadas/concretizadas por José Arthur Montenegro, que dedicou longos anos de sua vida na busca de preservar a memória visual (além de outras memórias) do maior conflito da América do Sul.



Alfredo de Escragnolle Taunay – Visconde de Taunay (ao seu companheiro de lides literárias e históricas o Sr. José Arthur Montenegro oferece o Visconde de Taunay. Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1896). Dimensões: 11cm (largura) x 16,5cm (altura).



Dr. Ayres de Oliveira Ramos. Setembro de 1865. 6,5x10.



Dr. Candido Manoel de Oliveira Quintana.11x16,5.



Dr. Diogo Garcez Palha de Almeida.6,5x10.



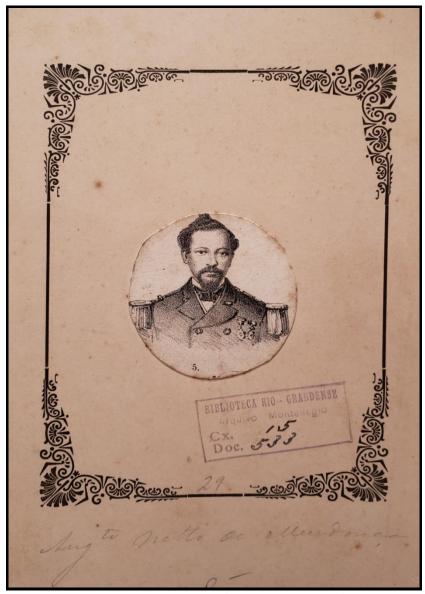
Dr. Justiniano de Castro Rabello.6,5x10.



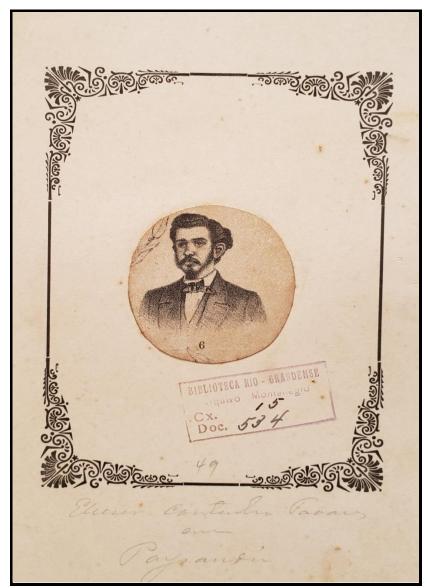
Alvaro Augusto de Carvalho. 10,5x26,5.



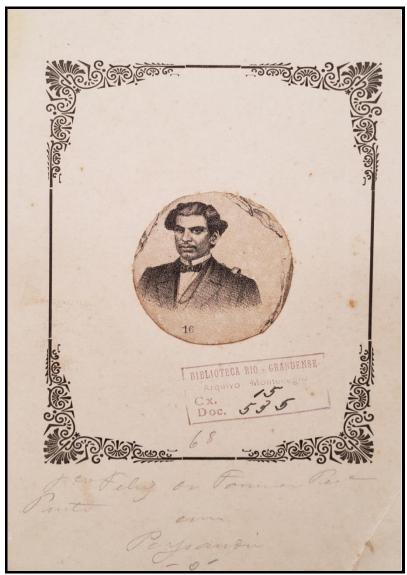
Arthur Silveira da Motta, Barão de Jaceguay.6,5x10.



Augusto Netto de Mendonça (recorte de gravura).13x21.



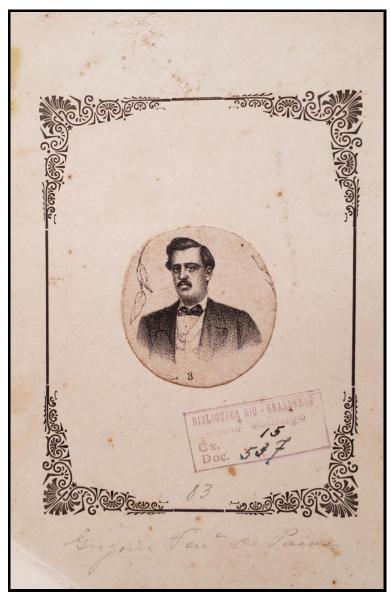
Elieser Coutinho Tavares – em Paysandu (recorte de gravura).13x21.



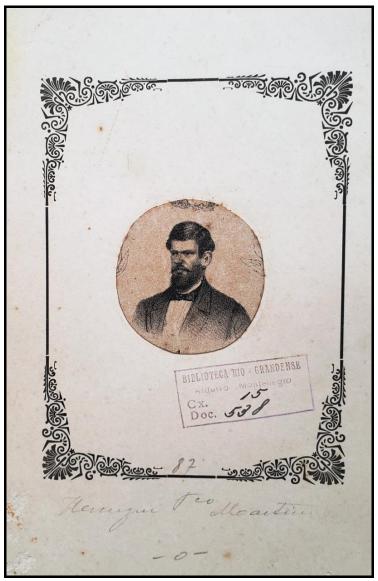
Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto – em Paysandu (recorte de gravura).13x21.



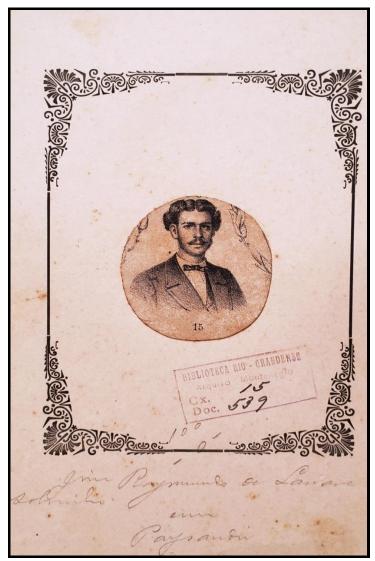
Francisco Goulart Rolin. 6,5x10.



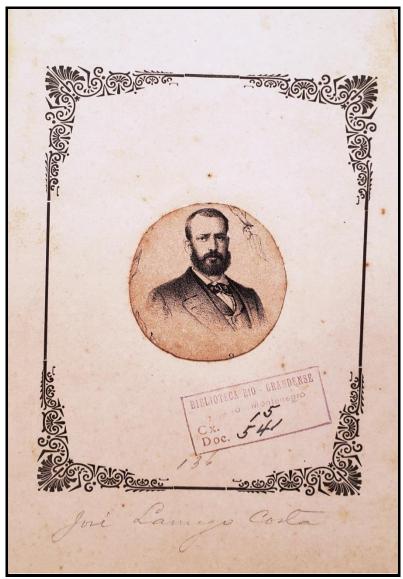
Gregório Ferreira de Paiva (recorte de gravura).13x21.



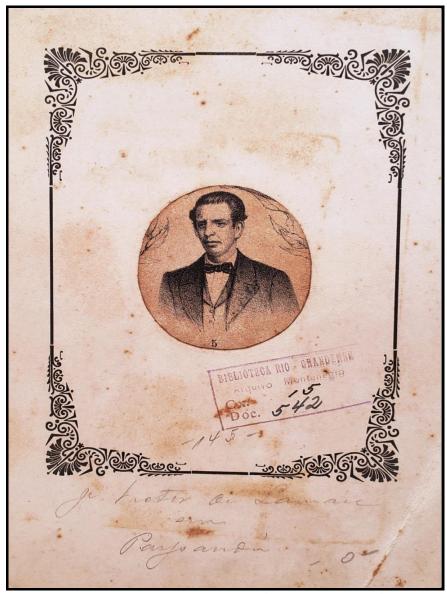
Henrique Francisco Martins (recorte de gravura). 13x21.



Joaquim Raymundo Delamare Sobrinho – depois Visconde Delamare – em Paysandu (recorte de gravura). 13x21.



José Lamego Costa (recorte de gravura).13x21.



José Victor Delamare – em Paysandu (recorte de gravura).13x21.



José Rolon, Prático.11x16,5.



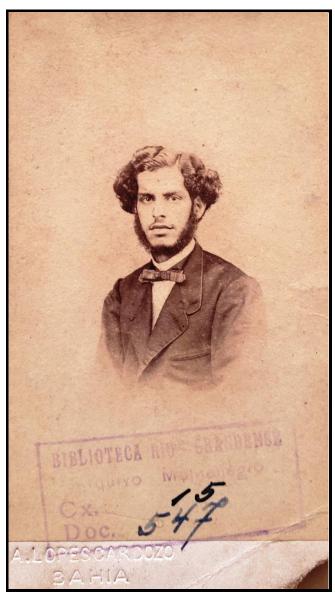
Dr. Bonifácio Gil Pinheiro. Salto Oriental, 8 de setembro de 1865. 6,5x10.



Dr. João Adrião Chaves. Corrientes – 21 de janeiro de 1866. 6,5x10.



Dr. Miguel Paranapura, – Médico da Armada, setembro de 1865. 6,5x10.



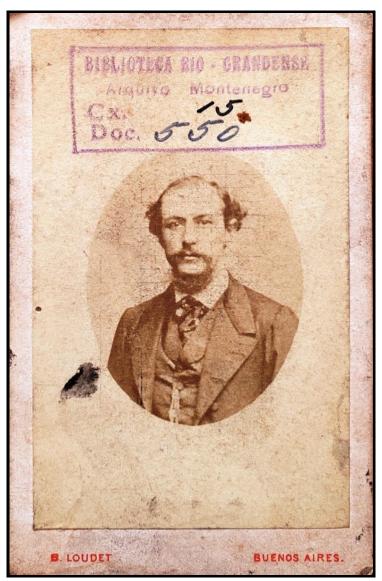
Dr. Rosendo Muniz Barreto. 6,5x10.



Francisco Octaviano de Almeida Rosa. Buenos Aires, 26 de dezembro de 1865. 6,5x10.



Bartolome Mitre (...de la epoca en que regreso de la Campana del Paraguay. 17x22.



Dr. Caupolican Molina (Cirujano Principal del Ejercito Argentino en Paraguay). 6,5x10.



Federico Mitre, Coronel de Artilleria (del lr. Regimento de Artilleria Ligera en la Guerra del Paraguay. Hermano del Gl. Bartolome Mitre). 17x22.



Elisa Lynch de Quatrefages. 6,5x10.



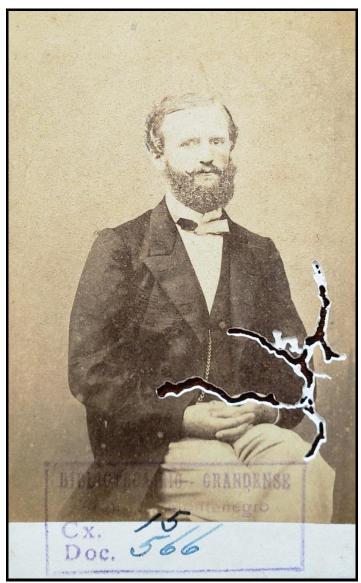
Francisco Solano Lopez. 6,5x10.



Joana Carriclo, mãe do Marechal Lopez. 6,5x10.



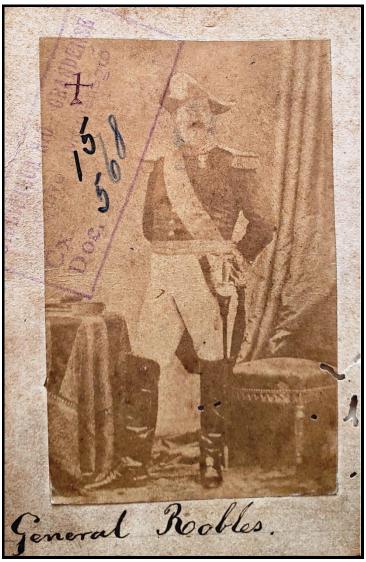
Juan Crisostomo Centurión, Secretario del Mariscal Lopez. Asuncion, 28 de agosto 1886. 10x21.



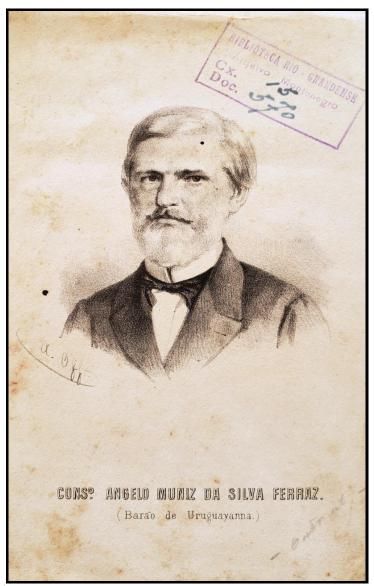
Jorge Thompson. 6,5x10.



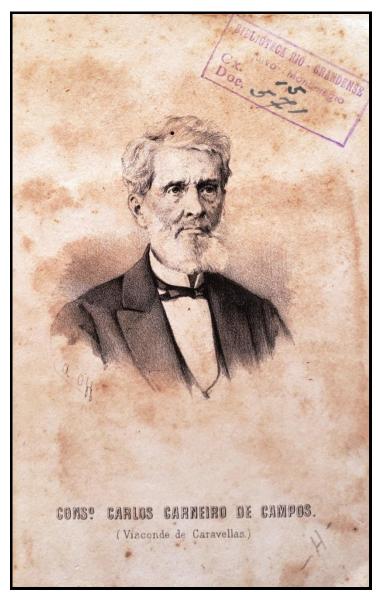
General Wenceslao Robles (vestido a fantasia no ato de seu casamento em 1861). 6,5x10.



Wenceslao Robles, General paraguaio fuzilado a mando de Solano Lopes, por insubordinação, em 06-01-1866. 6,5x10.



Ângelo Muniz da Silva Ferraz, Barão de Uruguaiana. 11x17,5.



Carlos Carneiro de Campos (Visconde de Caravellas). 11x17,5.



Francisco Octaviano de Almeida Rosa. 11x16,5.



Conde d'Eu. 6,5x10.



João Baptista Niederauer. 6,5x10.



José Thomé Salgado. 6,5x10.



Tenente-Coronel Polycarpo Pereira de Carvalho e Silva. 6,5x10.



Duque de Saxe. 6,5x10.



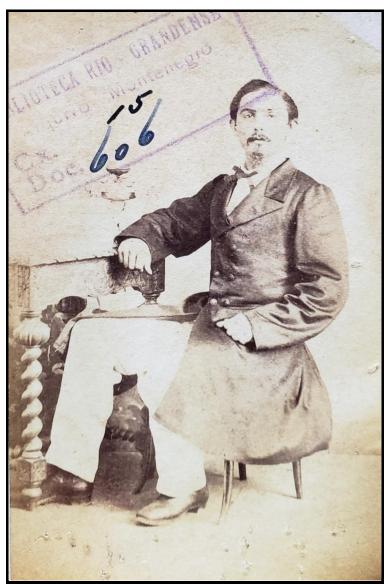
Jeronymo Gonçalves 6,5x10.



Chefe da Divisão Antônio Felix Correia de Mello. 6,5x10.



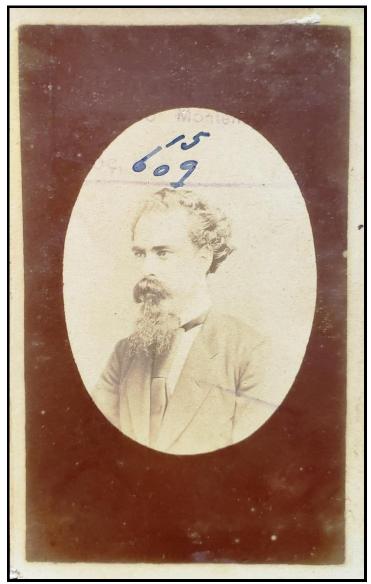
Antonio Gomes Pimentel. Rio de Janeiro, 14-11-1872. 6,5x10.



Alferes do 26° de Voluntários Antonio Nunes Cardozo. 6,5x10.



Antonio Pord. Junior. 6,5x10.



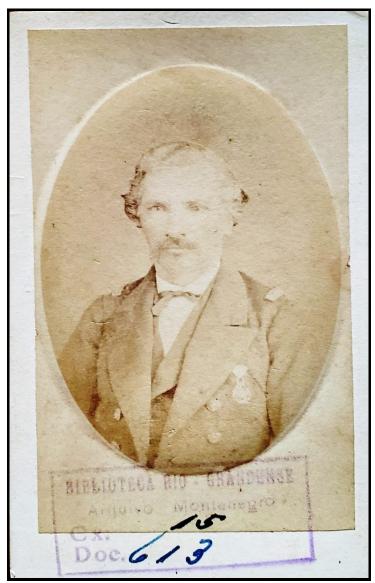
Candido Carvalho de Souza Junior. 6,5x10.



Capitão Cândido Pacheco de Moraes Castro. Cachoeira, 9 de novembro de 1865. 6,5x10.



Constantino L. Santos. Morreu no ataque de Angustura nodia 21 de dezembro de 1868. 6,5x10.



Capitão de Fragata D. Domingos A. Ortiz. 6,5x10.



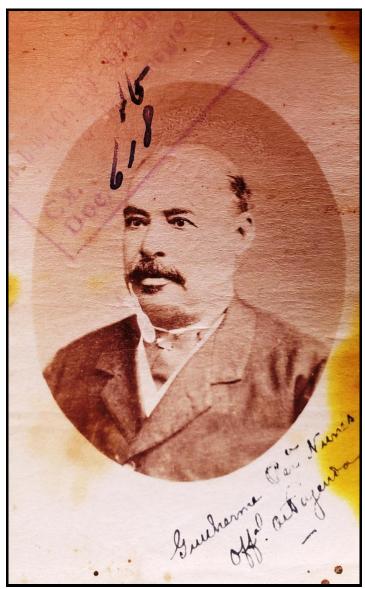
Edmundo Muniz Bittencourt. 6,5x10.



Eneas Ferreira Nobre. 6,5x10.



Felipe José Pereira Leal. Bahia, 20 de abril de 1876. 6,5x10.



Guilherme Pereira Nunes (Oficial da Fazenda). 6,5x10.



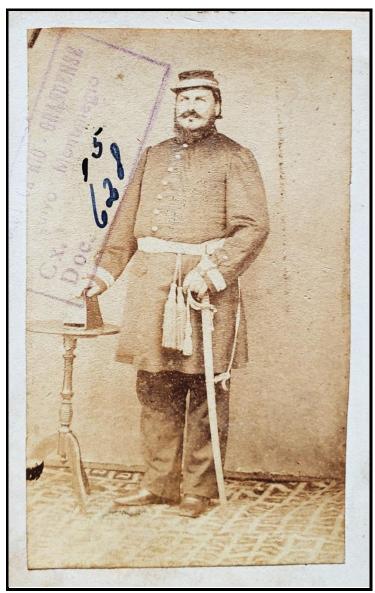
Alferes Heleodoro Cavalcante de Araújo. 6,5x10.



Tenente João Portinho da Fontoura. Morto em Humaitá. 6,5x10.



Coronel Joaquim José de Assunção. 6,5x10.



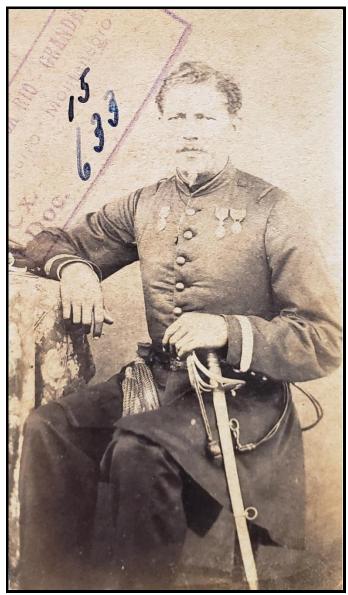
Joaquim José de Farias. 6,5x10.



José Alexandre Nunes de Mello. Ceára 11 de setembro de 1871. 6,5x10.



José Joaquim Ramos Ferreira, 10-01-1870. 6,5x10.



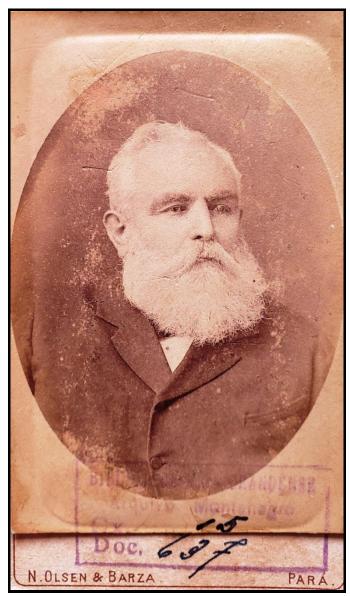
Capitão Manoel Peixoto de Azevedo. 6,5x10.



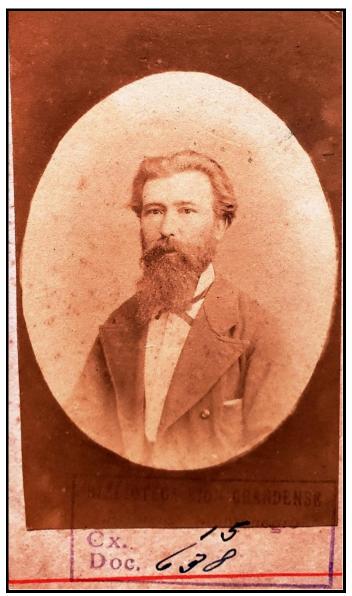
1° Tenente M. Botelho de Magalhães. 6,5x10.



Peregrino Viriato de Medeiros. 6,5x10.



Peregrino Viriato de Medeiros. 6,5x10.



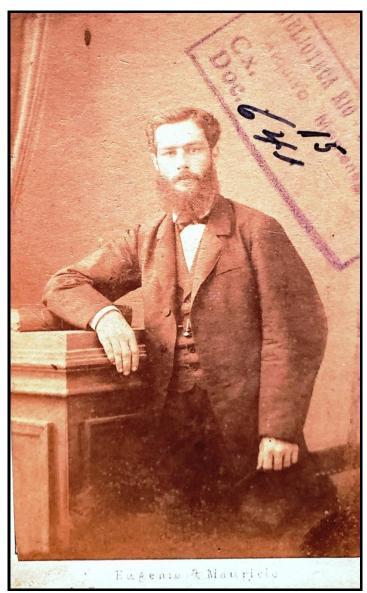
Tenente Porfirio Ribeiro Madruga. 6,5x10.



Capitão Raimundo de Carvalho Farinha. 6,5x10.



Capitão Sebastiao de Carvalho Farinha. 6,5x10.



Tenente de Cavalaria Severiano Rabello da Silva. 6,5x10.



Coronel Falkembamk. 6,5x10.



2° Tenente Ferraz, setembro de 1865. 6,5x10.



Tenente Cirurgião-Mor Antonio Luiz dos Reis. 6,5x10.



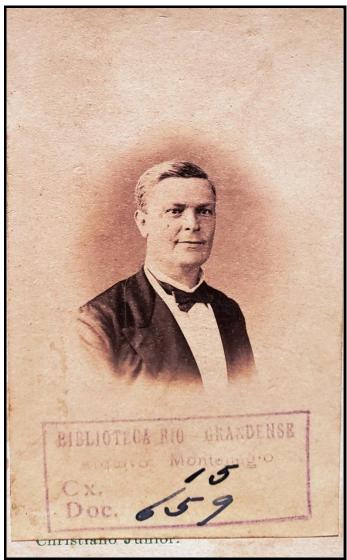
Francisco Felix Pereira Pinto, outubro de 1865. 6,5x10.



Dr. Manoel da Silva Romão, outubro de 1865. 6,5x10.



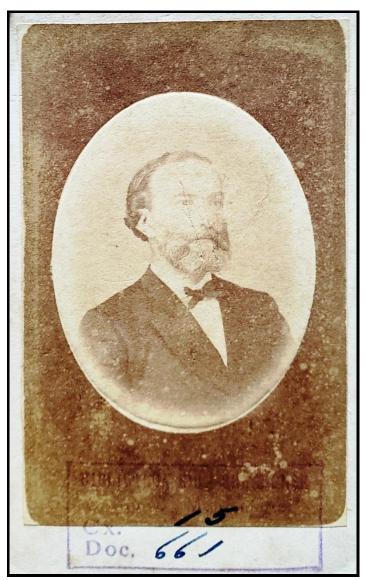
Padre Braulio (?) do Rego Monteiro, outubro de 1865. 6,5x10.



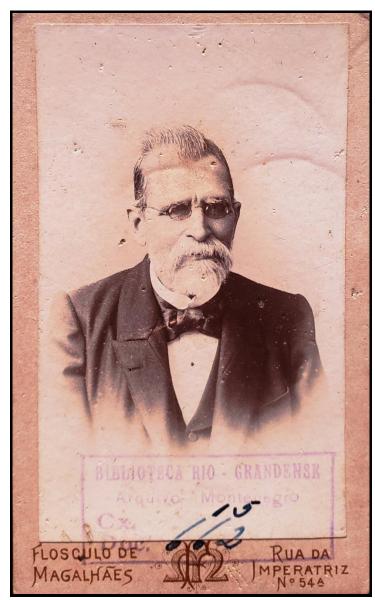
João Evangelista Negreiros Sayão Lobato (Visconde de Sabará). 6,5x10.



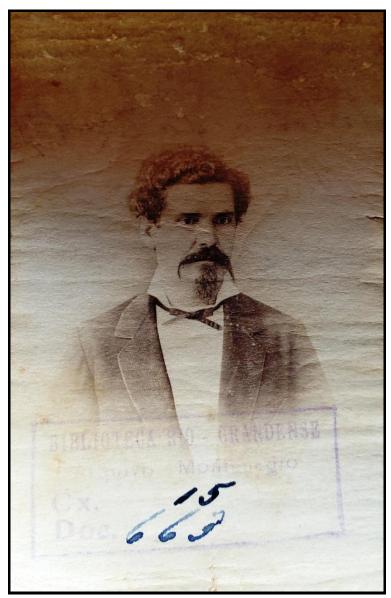
Conselheiro João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú (1864). 6,5x10.



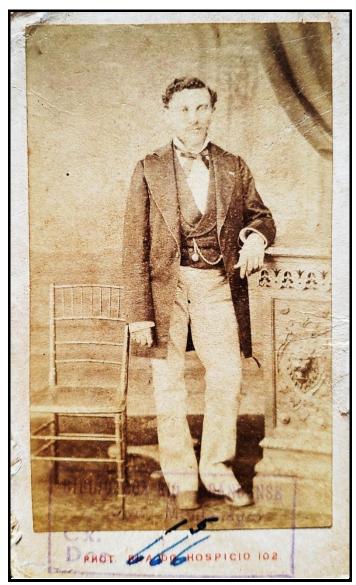
Dr. João Pedro Carvalho de Moraes. 6,5x10.



Avelino A. de Senna Freire. 6,5x10.



Antonio da Costa Pereira Guimarães. 6,5x10.



Ismael Mar. Falcão. 6,5x10.



General José Antonio Paz. 6,5x10.



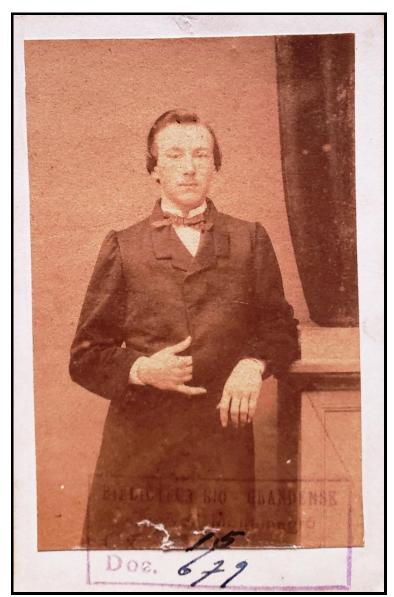
Juan A. Jara, 27 de outubro de 1862. 6,5x10.



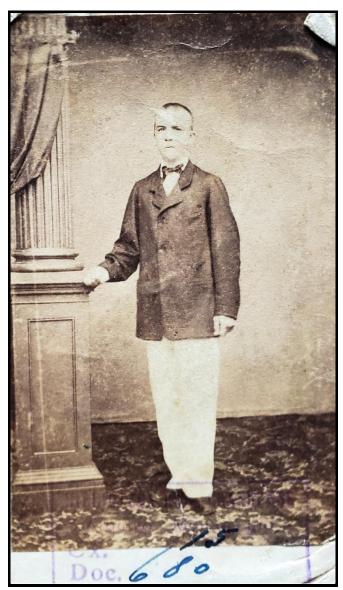
Carlos Gowland. 6,5x10.



Fernando Noetinger. 6,5x10.



Luiz Gowland. 6,5x10.



Ricardo Gowland. 6,5x10.



Santiago Gowland. 6,5x10.



Antonio Leite Barbosa. 11x16,5.



Bonifácio Antonio Borba. Ceará, 12 de dezembro de 1897. 11x16,5.



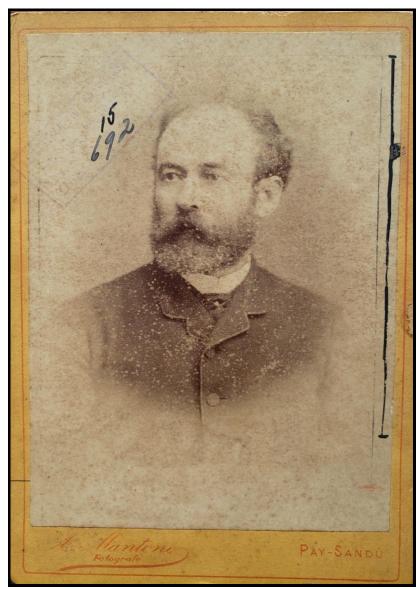
Tenente Coronel José Vieira Marques. São Paulo, 24 dezembro de 1895. 11x16,5.



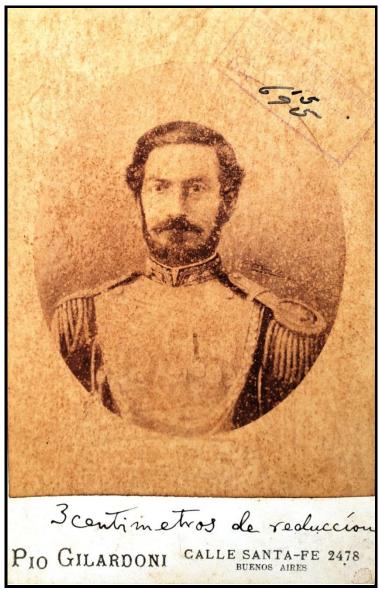
Miguel Calmon du Pin Lisboa. 11x16,5.



Victorino dos Santos Silva. Major em 1894 e Alfares durante a Guerra. 11x16,5.



General José Etcheverry (del Ejercito Oriental). 11x16,5.



Coronel Eduardo Revilla (2° Chefe do Regimento Geral San Martin). 11x16,5.



Coronel Antonin Castro. 11x16,5.



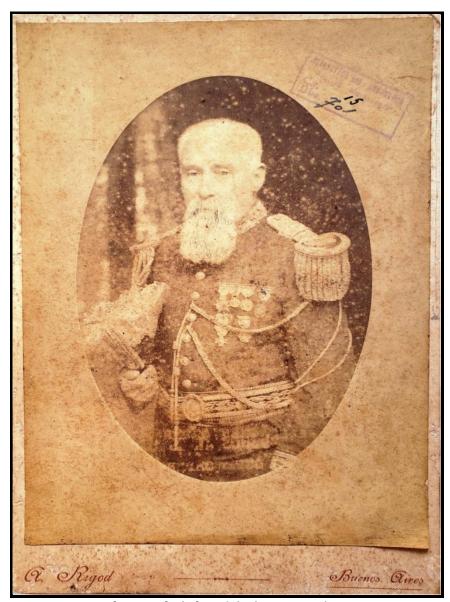
Coronel Carlos Clark y Obregon (Gefe del Parque Nacional). 10x21.



José C. Soto. Buenos Aires, 4 de dezembro de 1895. 13x21.



General de Brigada José Ignácio Garmendia. 13x21.



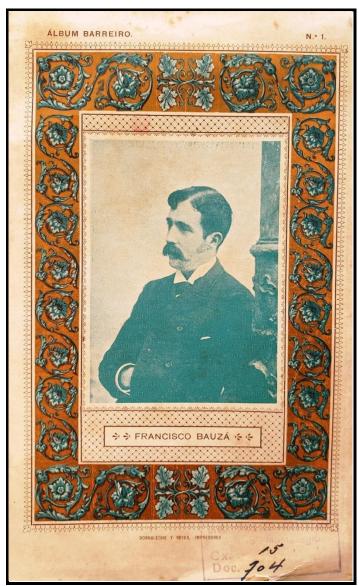
General Manuel Biedma (Cirujano Mayor). 17x24,5.



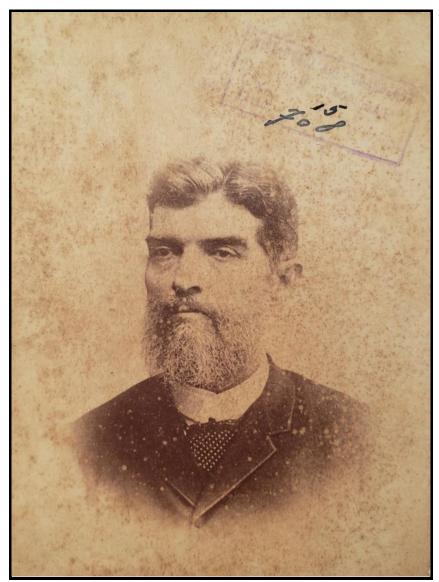
Tenente General Julio Argentino Roca. Se tornou presidente da Argentina em 1880. 17x24,5.



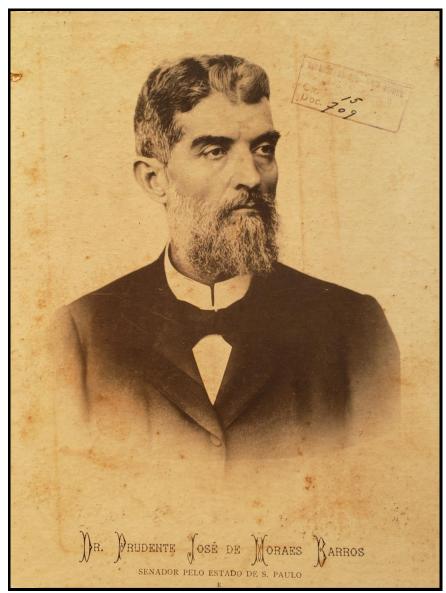
Daniel (...) Cerri, janeiro de 1900. 17,5x25,5.



Francisco Bauzá (gravura no 1° Album Barreiro). 11x18,5.



Prudente José de Moraes Barros. 11x16,5.



Prudente José de Moraes Barros. 17,5x23,5.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.





A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Fundação para a Ciência e a Tecnologia





edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-87216-03-4